

Textos

Gabriel Cavalheiro Tonin

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 21/09/2014

Título : A educação em tempo de eleição

Categoria: Artigos

Descrição: Em época de promessas eleitorais a educação é eleita prioridade da esmagadora maioria dos candidatos.

Em época de promessas eleitorais a educação é eleita prioridade da esmagadora maioria dos candidatos. Considerada o princípio de uma nação desenvolvida, é vista como a menina dos olhos de cada postulante a algum cargo público, como se aquela pessoa fosse a ideal para comandar uma transformação profunda, capaz de colocar o Brasil em patamares mais avançados. A promessa de recursos mais vastos, de escola integral, de mais creches são alguns exemplos de realizações que o candidato em questão tentará realizar.

A premissa é em parte verdadeira. A necessidade de maiores recursos para investimentos em infraestrutura, para o desenvolvimento de melhores condições tecnológicas, esportivas, culturais é visível. A esse itinerário, percorrido pelos pretendentes aos cargos eletivos, são somadas outras ideias já amplamente discutidas há décadas e que nunca saíram do papel efetivamente. É um erro, porém, pensar que o cerne da má formação educacional dos brasileiros está apenas na oferta de uma escola em más condições. É perceptível a necessidade de um reordenamento político-social da educação brasileira em sua estrutura basilar, de como é emanado o conhecimento e de como é absorvido e expressado no vínculo humano com a sociedade. Significa

dizer que a mudança mais essencial é a da postura com que se elabora a ideia do educar, exercida atualmente de uma maneira ditatorial e muito falha.

O conceito a ser assimilado no momento é o de que a produção do conhecimento deve ser algo livre, aberto, plural. O sistema das escolas brasileiras se assemelha ao de adestramento, tão combatido por inúmeros pensadores, tem fortalecido alguns paradoxos maçantes da realidade do Brasil, impeditivos de um crescimento pleno. A escola, do modo como está organizada, inibe as potencialidades da criança e do professor; é evasiva no ensino dos conteúdos; impõem regras inócuas e sem sentido; reforça o caráter eminentemente patriarcal da sociedade; exhibe a descontinuidade de projetos dinamizadores e inovadores em nome do seguimento de normas quase que pétreas emitidas pelo órgão maior, o Ministério da Educação. O ato de educar não é tarefa mecânica; é continuada, crítica, propositiva. Parte da constituição da criança em direção ao professor e ao mundo, e não o contrário. Construir um conhecimento significativo é uma busca que deve levar em conta o que há no interior do educando, e quais elementos são necessários para que essa natureza própria se desenvolva e se fortaleça na plenitude de sua capacidade.

Qualquer outro elemento que venha a ser acrescentado nas propostas eleitorais para os fins educacionais será mero discurso vazio se a ideia fundamental não for assimilada. Abrir-se com o mundo, pelo mundo e para o mundo é a forma mais sensata de agir propositalmente nas transformações ocorridas na sociedade nos últimos anos. Trata-se de inserir uma ideia nova, capaz de produzir o efeito da ultrapassagem e superação das próprias barreiras humanas. E esse processo exige postura corajosa e perseverante. Ainda não há essa mentalidade na política. Tenho esperança na mudança.

Data : 18/02/2016

Título : A infância e a construção do Ser Humano

Categoria: Artigos

Descrição: A fertilidade da nossa imaginação, enquanto no estado pueril, demonstra que não estamos nesse mundo apenas por uma passagem simplória, sem sentido.

A fertilidade da nossa imaginação, enquanto no estado pueril, demonstra que não estamos nesse mundo apenas por uma passagem simplória, sem sentido. A infância é sinônima de descobertas, de crescimento, de potencialização das nossas capacidades enquanto seres humanos atuantes nesse mundo. Ser criança indica a necessidade de atravessar uma fase de maturação tão bonita, tão plena de uma singeleza que, por muitas vezes, acabamos por ignorar.

Sob uma perspectiva história, considerando o traço cultural da nossa sociedade, ou mesmo, poderia dizer da humanidade, é possível vislumbrar que a infância não teve em todos os momentos a respeitabilidade que merece. No mundo pensado e executado pelos adultos sempre valeu mais a opinião considerada mais apurada, mais consistente, provinda destes, de modo que a densidade sentimental, emocional, imaginativa e construtiva das crianças restou abafada, renegada a um plano menor. Construiu-se toda uma ideia de mundo baseada na dita sabedoria e erudição dos adultos e o resultado verificado não foi dos mais agradáveis. Uma parcela considerável da humanidade ficou presa em contradições criadas por ela mesma, num viés de dependência muito grande, sob a égide de instituições que nos subtraíram a importância do desenvolvimento de uma cultura de aprimoramento constante e de crescimento pessoal baseado em nossas próprias capacidades.

Ou seja, o ímpeto empreendedor, pacífico, sagaz, propositivo, agregador que uma criança possui foi, e continua sendo, destruído por uma mentalidade pobre, em que a instituição escola vale mais do que a educação, o governo mais que a sociedade, o aparato policial mais que o senso de justiça e a cultura de paz. Edificar mundos possíveis de diálogo, percebendo-se as possibilidades de crescimento que estão em nossas mãos, induz a uma repaginação completa da visão possuída sobre o princípio da vida, a fase infantil. É com a conexão sincera entre aquele que éramos e aquele que almejávamos ser, na ponte entre o impulso de criança e a formatação existencial do adulto, que se torna possível dirigir-se a um novo ciclo de conquistas e de engrandecimento pessoal. Atuar com liberdade de ser o que se é, de pensar o que se quer pensar, de falar ou de calar, de chorar ou de rir, enquanto pequenos, é o que nos torna gigantes diante das adversidades na fase adulta, é o que nos legitima como pessoas dotadas de um sentido verdadeiro para a vida.

Para proteger a infância, e conseqüentemente o futuro, não bastam leis, decretos, tratados. Faz-se necessário cessar de imediato o envenenamento da sociedade sobre a criança, que a subestima, inibe suas potencialidades, ignora-a. Nenhum estatuto supre a falta de oportunidade de viver intensamente a fase mais linda da existência terrena, largamente cerceada e depreciada pela vertente cultural empreendida ao longo do tempo. Às vezes, para uma criança, basta um ouvido atento para ouvi-la em suas imaginações, teses, emoções, acompanhada de uma língua doutrinada a não repreendê-la. Apenas isso, mais nada.

Data : 03/12/2014

Título : A liberdade da humanidade

Categoria: Artigos

Descrição: A humanidade já provou e já provocou de tudo. Foi pacifista e bélica; crente e descrente; feudal, capitalista e comunista; democrática e ditadora; solidária e ...

A humanidade já provou e já provocou de tudo. Foi pacifista e bélica; crente e descrente; feudal, capitalista e comunista; democrática e ditadora; solidária e egoísta; riquíssima e paupérrima. O dinamismo da sociedade possibilitou viver entre extremos, amedrontar-se, encorajar-se, morrer por uma causa, nascer de novo. Numa perspectiva histórico-social se viveu e se vive um arcabouço de transformações desafiadoras, que a cada dia modelam de um modo diverso o mundo, e incidem diretamente nas relações entre humanos, cada vez mais multifacetadas e necessitadas de olhares mais críticos.

Chega-se ao século XXI. Novos desafios se apresentam e antigas questões suscitam o debate, o questionamento, a busca por uma solução. De tudo o que se viu, e se sentiu, em largos períodos da existência humana, não são as doenças, nem mesmo a fome, os principais obstáculos para efetivar a justiça social, econômica e cultural. Estes desafios requerem liberdade, provinda de um movimento de libertação, intrinsecamente vinculado à ideia de expandir o conhecimento sobre si mesmo como premissa básica na obtenção de uma compreensão mais ampla sobre o universo.

É preciso compreender, em um primeiro momento, que a ação humana sobre o seu próprio meio e seus semelhantes não é de todo controlável por si mesma. Há um sistema de energias que auxilia no movimento das pessoas, uma troca de forças que possibilita a continuidade das dinâmicas tarefas do cotidiano. Este encaixe entre a ação energética e a física é o que torna possível o exercício da prospecção. Torna viável a distinção entre o pensado e o executado, e o equilíbrio da emoção com a razão, e aplicabilidade de ambas no fato concreto.

Pode-se dizer, nesse sentido, que a referida liberdade está atrelada às energias envoltas no humano, não tendo um caráter, portanto, “livre”. A grande questão, contudo, está centrada no nível de expansão mental que uma pessoa permite tomar de si mesmo, e no grau do conhecimento que a mesma possui sobre a sua própria constituição psíquica, física e espiritual. Trata-se de ensinar a promoção de um movimento de abertura humana do seu íntimo no sentido de possibilitar a expressão das suas potencialidades e capacidades inatas e adquiridas.

A realidade tem demonstrado que a sociedade está dominada por elementos paradoxais de cunho ideológico, geradores de um fluxo de retração, impedindo-as de serem elas mesmas. Tem-se como principal pressuposto das religiões, partidos políticos, ordenamentos jurídicos a aceitação de dogmas, a fixação ideológica como maneira de distinguir uns dos outros, de regulamentar a ordem social, de ser a tábua de salvação. Tal conjuntura, há que se dizer, prejudica a interação entre humanos, pois segrega, exclui, opõe uns aos outros. Por força do nazismo milhões de pessoas morreram em campos de concentrações. A promoção da Inquisição dizimou milhares de vítimas, colocando sob a fé a alcunha de salvadora, quando na verdade se demonstrou preconceituosa e obscura. Tais exemplos são apenas uma parcela das diversas manifestações de dogmatismo exacerbado que prejudicaram a humanidade e colocaram em risco a vida na Terra.

Faz-se necessário, com isso, e considerando as grandes incongruências ainda presentes em esfera global, difundir e fomentar uma ação que vise o questionamento geral sobre todas as ditas verdades do mundo, que objetive a quebra dos conceitos obsoletos em busca de explicações mais racionais e menos emocionais, oportunizando uma relação mais aberta, igual e justa entre os humanos, e entres e o meio em que vivem. É preciso saber utilizar da energia interior para provocar a dúvida, instigar a incerteza, conectar-se com o outro sem medo de reações colaterais.

A mudança completa exige nova postura, maior flexibilização e capacidade de acreditar em si mesmo. Para entender que escolarização não resulta necessariamente em aprendizado; assistencialismo social não reduz a pobreza; violência policial não reduz criminalidade. Mas seres humanos livres transformam o mundo

Data : 19/10/2014

Título : A síndrome do dia seguinte

Categoria: Crônicas

Descrição: No velório, como de costume, muito choro, sofrimento, e reencontros.

No velório, como de costume, muito choro, sofrimento, e reencontros. Sim, reencontros, muitos abraços, muitas pessoas dizendo “Oh fulano, quanto tempo!”. É o verdadeiro milagre da multiplicação. Todo mundo vira tio, primo distante, conhecido de anos, compadre, comadre. Distribuem-se os pêsames e a alegria por rever as pessoas. De um lado o morto, no caixão, imune a tudo, assiste (nem sei se dá para dizer isso) ao categórico ritual, necessário e já bem conhecido. De outro todos os que marcaram sua vida, dando o último adeus.

Naquele lugar, sentado em um banco para descansar as pernas, pude notar que muitas pessoas ali presentes estavam terrivelmente doentes. Analisei cada detalhe, observei os semblantes de cada um, ouvi as conversas. Descobri que estão contaminados com um mal que se espalha venenosamente por toda a sociedade, uma enfermidade capaz de causar sérias afetações. Trata-se da síndrome do dia seguinte.

Essa doença costuma apresentar sinais imperceptíveis para a maioria. Quando a pessoa começa a sentir falta dos amigos e quer visitá-los, mas não vai; quando os filhos desejam passar mais tempo com os pais, mas não passam; quando alguém deseja cumprir uma tarefa, mas não cumpre, pode estar certo: já foi contagiado. E o pior não é isso. A fase mais terrível da doença ocorre quando a

pessoa expressa o que sente e o que deseja em poucas palavras. No momento em que diz “faço no dia seguinte”, pode contar que está crônica a situação.

E só tende a piorar. Muito se reclamará da falta de tempo e muito se lembrará do que se quer fazer, mas nada mudará. O caminho para a fatalidade vai acontecendo aos poucos, sobretudo porque a pessoa perde a noção do tempo e do espaço; vive apenas para o trabalho; acredita que brincadeira é coisa apenas de criança; não ri de nada, não lê, não telefona para um conhecido. Enquanto a síndrome se espalha pelo sistema nervoso, sua vontade de viver se transforma, lenta ou apressadamente (depende muito do organismo), em uma luta pela sobrevivência. E mais, o mal é tão perigoso que pode até mesmo afetar a memória. Há estudos que comprovam que pessoas com essa síndrome se esquecem muito rapidamente das coisas boas da vida.

Certamente, se reparar bem, vai se encontrar alguém acometido por essa grave enfermidade. Se agir em tempo se consegue evitá-la. Coloque-se uma boa dose de disposição em cada dia vivido, um tempo maior reservado aos bons amigos, um cuidado maior com o jardim e com os outros e o tratamento será eficaz.

Se não tiver uma ação rápida, a coisa só vai se deteriorar. E aí vai acabar como aquele domingo no cemitério: todo mundo se encontrando no triste dia da morte de alguém. Se tudo for deixado para depois, o risco será imenso. É mais fácil dizer “faço no dia seguinte”. E se o dia seguinte não chega?

Obs: Crônica vencedora do XXII Concurso Literário da Academia de Letras de São João da Boa Vista - SP,

Prêmio Fábio de Carvalho Noronha

Data : 21/09/2014

Título : A sociedade do pedaço de papel

Categoria: Artigos

Descrição: A nossa sociedade se tornou, em termos calamitosos, a sociedade do pedaço de papel.

A nossa sociedade se tornou, em termos calamitosos, a sociedade do pedaço de papel. Não é que eu venha a criticá-lo por inteiro; é meu auxiliar na minha prática diária de escrita. Mas é, na atualidade, o símbolo da inconveniente leniência social, princípio da falta de uma visão mais completa do mundo, de uma relação mais abrangente entre os seres humanos.

A premissa é verdadeira: reduzimo-nos ao mínimo abusando do papel. Basta a assinatura em uma simples folha para se resolverem conflitos. Vale muito mais o timbrado de um documento do que o exercício de uma cultura de paz. É mais fácil rabiscar. Com o dinheiro ocorre o mesmo. Não contentes em tentar entender as complexas relações econômicas existentes entre si, nós os seres humanos criamos o dinheiro. Ou seja, sintetizamos uma ordem maior em cédulas monetárias. Essas mesmas, nos dias de hoje, são vitais para o funcionamento daquilo que concebemos por relações sociais.

A educação, infelizmente, seguiu para o mesmo caminho. Aprendemos desde cedo que é necessário alcançar títulos para ascender socialmente; o que importa é o quão diplomada uma pessoa é. Ignoram-se as outras qualidades; vale o status. Acabaram-se as perspectivas de desenvolvimento pessoal; necessita-se a certificação. Poderíamos aqui fazer uma lista enorme de exemplos. Casos estapafúrdios onde trocamos a liberdade do criar e descobrir técnicas pela adoção cega e irrestrita de fórmulas e padrões. Ao tentar remediar, terminamos por complicar. O sistema visto como ideal é o mesmo da divisão ideológica, de gênero, econômica e cultural. É o responsável direto pela dicotomia estabelecida entre o homem e seus semelhantes, que impedem o desenvolvimento de uma comunicação mais bem articulada entre os membros da sociedade.

Para a superação deste paradigma é necessário inverter a lógica. Os mecanismos eficientes estão na aposta sincera, mas ousada, de uma coletividade menos padronizada e mais libertária. É estabelecendo elementos de união e de convergência que se constroem acordos. E o caminho está em romper com a tendência segregadora dos bancos escolares, oferecendo espaços dinâmicos, plurais, enriquecedores, para que as crianças tenham um desenvolvimento completo de suas habilidades. Faz-se necessário valorizar a experiência da vivência como critério de inserção no mercado de trabalho, demonstrando que as capacidades são irredutíveis, e não podem ser objetos de valoração por provas ou testes.

Não mais separar, e sim unir. Não mais alimentar a ilusão do diploma como algo inatingível, e sim saber que o conhecimento é maior do que isso. Somente com essas ferramentas poderemos pensar em dirimir desigualdades sociais, em construir a igualdade de gênero, e mitigar índices negativos da violência. É por meio da educação consciente e responsável que se supera a sociedade do pedaço de papel. Pois se ela realmente funcionasse, já teria colocado em uma folha de ofício o nome de diversas pessoas, e as teria transformado em heróis. Assim, num passe de mágica.

Data : 23/01/2017

Título : Além de mim

Categoria: Crônicas

Descrição: Já são mais de três horas da manhã. O sono não veio.

Já são mais de três horas da manhã. O sono não veio. Deve ter se perdido no espaço caótico das vias urbanas, cada vez mais desconcertantes. Ou está se divertindo, à custa de minha complacência.

A madrugada é fria. Sentado sobre minha cama contemplo os objetos do quarto com olhos atentos. Pego um livro em minhas mãos, folheio-o, intento iniciar uma leitura. Tarefa em vão. Monotonia, descrença. A singular beleza da escuridão, sob o imperioso brilhar da lua, por incrível que pareça, não está me atraindo. Paira no ar um misto de incerteza, solidão, talvez angústia.

Levanto-me. Vou até a janela, abro-a com cuidado, sinto a brisa soprar sobre meu rosto. Uma tranquilidade jamais vista pousa sobre o ambiente. Os grilos cantam. As luzes bruxuleantes revelam os corpos de pedra a alguns metros de distância. As árvores balançam com o vaivém do vento.

Tudo transpira silêncio. Mas há um grito, que vem de longe. Um solitário e seco assopro de voz atravessa a cidade de ponta a ponta e para sob meus ouvidos. Sucedem-se outros gritos. E uma música. É uma festa. Neste momento, enquanto reflito, há pessoas se divertindo. A inércia das vozes é rompida.

Volto-me para mim e enfim descubro que não estou sozinho. Uma imensidão de pessoas, no instante que segue, está trabalhando firme. Flores desabrocham pelos bosques, inocentes crianças clamam por socorro, pássaros voam por entre os campos. Descerra-se sob o horizonte tempestades e secas, vidas e mortes, dores e amores. Do outro lado do mundo, em algum lugar, os raios do sol brilham num ardor plácido, despontando soberano por entre as matas e os rios que fluem. E tudo se revela a seu tempo, em sua peculiaridade original.

E eu aqui, perante o frescor de um dia que, aos poucos, vai nascendo, aventuro-me imaginando o quão pulsante é a vida, e quanto é bela a sua inocência. E então percebo a existência de um mundo imenso, estrondoso, visceral, e diante dele a arquitetura de uma teia secreta de intrigas, pactos, choros, risos, aplausos, que se perpetua por entre as gerações e faz parte da natureza humana.

Voltei para a cama. Carreguei comigo a certeza de que o amanhã é mesmo um dia novo, com novas possibilidades e muitas perspectivas. Numa sinfonia que a banda toca alegre e estridente, para além de mim.

Data : 13/05/2015

Título : Apartheid Educacional

Categoria: Artigos

Descrição: A lembrança mais contundente que as pessoas possuem da educação que amalharam em suas vidas é, em sua grande maioria, a dos bancos escolares ...

A lembrança mais contundente que as pessoas possuem da educação que amalharam em suas vidas é, em sua grande maioria, a dos bancos escolares perfeitamente enfileirados; a do respeito aos professores, sinônimo de ordem e disciplina; o sinal que batia feroz e indica mais uma aula, mais repetição, mais do que sempre foi: monótono, vazio, mas rigorosamente obedecido.

É uma lástima a vinculação quase que trivial de educação com o espaço escola. A memória, quando ressuscitada, por vezes castiga. Ainda estão vivas algumas testemunhas da época da palmatória, da figura do “inspetor” de escola, da obediência cega e irrestrita aos mestres. Tudo não passava de uma encenação, uma ordem impositiva da qual simplesmente se adequa a ela ou se torna um excluído no processo. A sociedade reproduziu, como o vem fazendo há muito tempo, um regime segregacionista entre os seres humanos, que começa, irremediavelmente, nos bancos escolares. O sistema do apartheid, embora tenha sido derrubado na sua concepção histórica onde foi aplicado (através da eleição de Nelson Mandela, em 1994, para o cargo de Presidente da África do Sul) perdurou no arranjo educacional, por meio de uma pujante máquina estatal que muito consegue recursos financeiros e pouco apresenta resultados satisfatórios.

O exemplo mais fiel de uma fábrica, ou mesmo de uma penitenciária, preconizou uma formação indivisível e fragmentada. A organização do espaço se dava por turmas, e estas deveriam interagir entre si. Um punhado de estudantes verdadeiramente empoleirados em classes deveria estar simetricamente alinhado, emanando as mesmas respostas às questões suscitadas, cumprindo metas, objetivos. De tão veementemente antidemocrático que o modelo prussiano de escola é, existem reuniões de pais, de professores, mas dificilmente reunião de alunos. Os maiores interessados não são ouvidos; julgando-os incapazes, decide-se tudo por eles.

E esse ciclo acaba por criar uma jornada viciosa e de perspectivas nada animadoras. Na atualidade a sociedade se depara com enormes desafios, dos quais não pode tratar com eloquente sensatez por estar desprovida de uma visão mais abrangente de mundo. O caminho do livre pensar teve tolhida a sua existência pelas exigências estonteantes de um órgão burocrático, opulento e inoperante, que é o Ministério da Educação. Um verdadeiro parasita dos cofres públicos, que consome verbas bilionárias, impõe regras uniformes, coordena unilateralmente os debates, a definição de metas, os objetivos. Está distante da realidade, mas se faz presente em todos os momentos. Seu grande erro é propiciar, e fomentar, a lógica do fracasso. Uma visão em que promoção de cultura, aprendizagem plural, criação livre de saberes é entrecortada por desmandos de cunho essencialmente político e ideológico, desmerecedores de qualquer apreço por parte das pessoas de bem.

Talvez, no futuro próximo, a memória das pessoas em sua fase de educação possa estar desvinculada do ilusionismo do sistema escolar. É

possível sonhar com uma sociedade sabedora de suas potencialidades e construtora de sua própria maneira de aprender; o mais importante é que é possível fazê-la. Não da noite para o dia, nem mesmo pelas entrelinhas. Com doses de rebeldia, disposição para voar, vontade de fazer florescer uma nova consciência. Para que nos libertemos de vez das garras do apartheid que nos condena a deixar de sermos nós mesmos para sermos simples números estatísticos do poder estatal.

Data : 01/01/2017

Título : Breves considerações ao mundo leitor

Categoria: Crônicas

Quando decidi juntar alguns causos sobre minha vivência junto ao Seminário Scalabrini não imaginei o quão frutífera seria a tarefa. São quatro anos de puro encantamento com um lugar fascinante, que faz refletir, apaixonar-se, inspirar-se.

Não houve dia em que eu, estando lá, não tenha sido feliz. Tudo foi, e é, maravilhoso. É por isso que retirei a essência daquilo que pulsava em mim e teci essas breves crônicas. Quem sou eu? A definição dada pelos outros é: "Gabriel Cavalheiro Tonin, também conhecido como Gabito Pirulito, é professor, escritor e palhaço, tendo já publicado um livro (Roda Pião), e encantado muitas crianças por meio das trapalhadas de sua trupe, o Grupo Alalua."

Eu vejo diferente. Sou um arteiro, aprendiz da vida, meio poeta, meio palhaço, que em um dia iluminado encontrou um caminho maravilhoso e disse: isso faz meu coração vibrar. Assim seja hoje e sempre!

Data : 19/10/2014

Título : Cair faz parte, tombar é uma arte

Categoria: Crônicas

Descrição: De todos os privilégios que tenho na minha vida, um dos mais importantes é, sem dúvida, ter duas belíssimas amigas para poder conversar de vez em quando.

De todos os privilégios que tenho na minha vida, um dos mais importantes é, sem dúvida, ter duas belíssimas amigas para poder conversar de vez em quando. Nossas reuniões sempre são um misto de alegria e reflexões. Sim, porque focar também é refletir.

É errado vasculhar a lembrança para falar dos outros, bem sei. Mas não fazemos mal a ninguém, ao menos por enquanto. Só colocamos em nossos diálogos algumas estatísticas comuns: o mais chato, a mais louca, o mais destrambelhado. Elas sabem bem mais do que eu, são mais vividas. Têm na ponta da língua todas as informações necessárias para podermos ficar horas só fuxicando. Tudo para o bem.

O que elas mais gostam de relatar são os tombos. O tombo é aquele cara que, assim como a morte, não avisa quando chega. E evidentemente causa mais estragos. Na loja onde minhas amigas trabalham, por exemplo, há muitos desses casos. É gente que beija o chão, taca a cara na porta, escorrega daqui, tropeça dali. Dava pra fazer uma lista e selecionar os dez melhores. Número para isso tem.

Para elas sobram os risos. “Fiquem quietas”, diz a patroa. Mas é inevitável. Tombar faz a pessoa ser o centro das atenções, ainda que de forma negativa.

Eu também rio quando elas me contam. Debruço-me sobre as pernas e desato na alegria. O coração agradece. A boca fica doída. A alma, lavada. Meu íntimo fica preocupado. Já pensou se caio algum dia na frente delas? Seria uma tragédia.

Ou não. Esperto sou. Se der o azar de tombar algum dia, quero ter uma queda cinematográfica. Cair com estilo. Já penso em mim despencando todo na beca, rolando no chão com ar heroico para ao final dizer: eu amo essa terra. Vai ser bem legal. Hollywood me espera. E Angélica e Vitória estarão me aplaudindo.

Data : 26/05/2017

Título : Campo de refugiados

Categoria: Crônicas

Descrição: Um apaixonado por livros jamais se recusará a pisar em uma biblioteca, ainda que esta esteja em um espaço religioso, ...

Um apaixonado por livros jamais se recusará a pisar em uma biblioteca, ainda que esta esteja em um espaço religioso, onde se presume haver predominância de obras daquele gênero. Quem ama as letras é um encantado por natureza por qualquer pedaço de papel que contenha uma boa história, uma teoria bem fundamentada, goste-se delas ou não.

Foi com esse espírito de veneração ao mundo literário que me deixei conduzir, já na segunda semana de atividades no Seminário, à biblioteca do lugar. Aquela era uma época frutífera para me deliciar nos livros. Era o tempo em que eu rabiscava versos em cadernos, fazia-me de poeta, brincava com as palavras (se escrevia bem, ou não, é outra história). Então, conhecer um ambiente recheado de monumentos à palavra se tornara um verdadeiro prazer.

E qual não foi minha surpresa ao entrar naquele local e ver distribuídos sobre várias estantes os momentos mais geniais de autores clássicos, brasileiros e universais? Não havia somente filosofia e religião lá. Tinha de tudo! Machado de Assis, Castro Alves, Boccaccio, Albert Camus, Gustave Flaubert, Joseph Conrad e uma infinidade de autores de uma primazia inigualável.

Mais um amor à primeira vista nascia ali. Meu coração já pulsava forte por aquele cantinho. Meus dedos folhearam alegremente as páginas já amarelecidas de diversas enciclopédias, descobriram as maravilhas de Madame Bovary e de Decamerão, passearam por coletâneas inteiras sobre História Mundial e biografias famosas. Fora os livros didáticos, tão úteis naquele momento à minha missão, os filosóficos, os escritos em língua italiana. Todos espetaculares!

De tão extasiado que estava quase me esqueci que dois dos meus aprendizes, Marcos e Marcelo, estavam me acompanhando. Mas, como num ímpeto de grande satisfação e uma vontade imensa de dividir um segredo, chamaram-me a um canto e me mostraram duas joias lá existentes: uma antiga máquina de escrever vermelha e a tia Zefinha. Com a máquina me delicieei no mesmo instante, maravilhado que sou por raridades. Mas, quem era essa tia? Ali vivia?

Conheci, então, toda a história. Percebi que a imaginação daqueles meninos, tão fértil, poderia render bons frutos. Ali surgia uma grande parceria, advinda do meu fascínio por aquele mundo criado por eles, que me tornou “fazedor” de contos e histórias de uma tia maluca e seus sobrinhos mais doidos ainda....

Alalua!

Data : 30/05/2015

Título : Carta ao Infinito

Categoria: Crônicas

Descrição: Há muito sonhei contigo. Por força do destino minha memória volta a te reavivar.

Há muito sonhei contigo. Por força do destino minha memória volta a te reavivar. Do mesmo jeito de sempre se embretou debaixo de meus lençóis

e ouviu curioso aos meus sonhos, estórias, indagações. Vestias azul; seu rosto parecia costurado à mão, como uma boneca de pano. Transbordava felicidade em teu olhar suave; cantarolavas uma cantiga famosa, da qual não mais me esqueço, porque aquilo que é verdadeiro criança guarda e nunca mais apaga.

Novamente empunhaste o violão em teus seguros braços e me carregaste a um universo paralelo. Tremiam-me as mãos ao te ver diante de mim, com a mesma serenidade de quando me deixaste só da última vez. Tudo a minha volta transpirava a emoção, saudade, felicidade. Todos os sentimentos convergiam dentro de mim para que eu pudesse te contemplar, apenas olhar, tocar, sentir seu perfume, sem me dar ao desquite de pronunciar palavras, que se esvaziavam no mesmo instante em que nascem.

É bem verdade que me pegaste de surpresa. Aos poucos a chama vai perdendo o brilho, mas resiste esperançosa. Ainda que tenha dado piruetas sobre minhas próprias convicções, tão frágeis e insanas, sobrou-me um resquício daquele sentimento pueril, mágico, que conservamos todos até o momento em que o mundo nos despeja na vida de adultos e não volta para o resgate. Por vezes a solidão inquieta a alma; abre-nos espaços para os vícios. Caímos no esquecimento, voltamos à estaca zero, sofreremos. E o fazemos sem pensar, sem medir as consequências dos efeitos desse veneno, que nos rebenta a conexão mais profunda de nós mesmos com a natureza, a liberdade, a humanidade. Construímos castelos imensos de deveres e obrigações; somos capazes de nos locomover cada vez mais rápidos sobre o espaço e o tempo, mas não conseguimos sentir o ritmo do nosso coração, seus desejos, suas alegrias.

Mas estás aqui. E eu volto lentamente a me soltar. A ser a criança tímida e curiosa que fui. Volto a viver os prazeres de uma leitura descompromissada, de uma volta ao planeta em rotas imaginárias, volto ao sonho de mudar o mundo. Tua imagem tão cândida simplesmente me liberta; dá-me o direito irrestrito de me expressar no meu tempo, seguindo a minha intuição, alegrando-me e me entristecendo, discordando e concordando, jogando tudo para o alto quando preciso, só para ficar emburrado, pensativo. E tudo isto para que um dia eu possa me sentir em paz quando tiver de habitar outras dimensões.

Seja sonho ou verdade ainda assim te gosto e te admiro. Porque praticamos a arte do aprender sem limites. Porque sabemos fazer a troca justa de desejos e vontades, e os potencializamos, transformando-os em projetos, como genuínas crianças, que num lampejo de criatividade despertam dentro de si os gênios que lá estão escondidos, e fazem maravilhas. Basta que surja o amor, o elo primordial da vida, e que esta flua sem medo nem vergonha. Este amor transbordante que nos contamina, meu amigo, enquanto educadores de vida mais do que de disciplinas, pois viver é esse ato incandescente, é o que nos transforma por inteiro.

Se partires, que seja breve e volte logo; se ficares, que sejas feliz e que nos dure a amizade. Retorno à origem, talvez para entender melhor o que se passa. Do fundo do peito espero que transmita uma mensagem positiva a todos os que precisam. Eternizando, a cada passo, tua volúpia desdenhosa e tua mania de abraçar, para que a energia pura se renove em nosso meio, enquanto houver mundo vivo ou vida mundana de dimensões inimagináveis.

Data : 24/04/2015

Título : Conexão Politeia

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte de sintetizar sentimentos em palavras talvez seja a mais difícil já produzida pelo homem.

A arte de sintetizar sentimentos em palavras talvez seja a mais difícil já produzida pelo homem. E é também a mais incompreensível para mim. Frases soltas, desconexas, por vezes escondem a verdadeira essência. Sentir, degustar o momento, alinhar-se com a energia pulsante é muito mais singelo, mas pleno de significados imensos. Não precisamos aprender a ser, nem mesmo a sentir: somos porque assim fomos concebidos, e dentro de nós repousa grande capacidade de inventar, desenhar, falar, agir.

Por causa dessa plenitude sempre me dediquei a escrever cartas de próprio punho, compartilhando minhas mensagens com os amigos próximos e aqueles que sofrem de “lonjuras”. A escrita feliz de papel e caneta tem para mim um sentido didático: ensina-me a ver o mundo com olhos mais sensíveis, a procurar motivações positivas para serem transmitidas, a entender melhor a dinâmica das amizades. É de palavra em palavra, linha em linha que vou me libertando do peso que, por vezes, sufoca-me. Abrem-se novos horizontes diante daquela turbulenta corrida cotidiana, para que, em breves instantes, eu possa absorver em mim e irradiar um dos mais, se não o mais nobre sentimento humano: o da gratidão. Sentimento este que, por si só, explica-se. Pode-se dizer que ela é o estado de espírito em que um ser humano se sente honrado de ter recebido algo, vivenciado certo instante agradável, sentido uma presença tranquilizadora. Estar grato é fazer uma troca justa com o Universo, que está sempre trabalhando em direção aos nossos desejos.

Foi numa dessas conexões entre amigos, por via das cartas, que descobri a Escola Politeia. Um espaço simples, uma dinâmica própria, um grupo maravilhoso: a fórmula ideal para o sucesso. Politeia, ainda que o nome diga o contrário, já se tornou uma causa. Não é mais um centro que abriga crianças e desempenha a tarefa de promover a aprendizagem. É a democracia em sua essência primordial, a roda de amigos fiéis, o símbolo do bom debate. O educandário paulistano transpira leveza, paixão pelo livre educar, motivação de ser melhor a cada dia. Induz a uma corrente plural de ideias, potencializa jovens para o exercício da humanística, acolhe todos o que estão ao seu redor, desperta o inconsciente criativo. E encanta. Como na troca fiel de escritos entre dois bons amigos apaixonados por seres humanos.

Já sinto de longe o perfume de crianças felizes me convidando a explorar mais esse caminho, e não me arrependo de ter naquela carta o contato com esse mundo. Quero estar, um dia, diante de Politeia, não apenas como observador

crítico, mas como admirador incondicional. Para que assim possamos caminhar juntos, felizes e sorridentes, por esse mundo rodeado de jardins de sonhos e castelos de fantasia.

Data : 29/04/2015

Título : Confissões de um viciado

Categoria: Crônicas

Descrição: Eu confesso: já fui viciado! Sim, eu já me perdi nos nuances de um vício.

Eu confesso: já fui viciado!

Sim, eu já me perdi nos nuances de um vício. Sim, eu fui uma pessoa que não podia viver longe do bendito. Fraquejei, é bem verdade. O álcool me dominou por completo, e eu era uma criança, ingênua e inocente. Um pobre menino entregue a esse prazer indescritível de estar em contato com uma paixão secreta e envolvente.

É difícil falar dessa questão, sobretudo porque tenho que me remeter aos meus sete ou oito anos de idade. Minha vida girava em torno daquela sensação infável provocada pelo álcool. Não havia dia em que as pessoas próximas a mim ficassem sem me envolver naquele jogo. E eu gostava, porque era bom, assim como tudo o que é proibido.

De repente, tiram-me meu chão. Afastam-me do álcool, julgam-no inadequado para mim, sufocam-me com teorias e teses sem sentido, apenas para me convencer daquele ato covarde, do qual não fui consultado. Já havia crescido um bom tanto e já compreendia muita coisa, mas nunca me compreendi aquele corte visceral. O vício me fazia bem. Aquilo era injusto!

Hoje, ao fazer essa confissão, sinto-me mais leve. Vez por outra me bate a nostalgia de uma década atrás, uma vontade louca de correr em direção ao perigo, envolver-me novamente com aquele que tanta felicidade me deu. Já são quase vinte anos de experiência e ainda não percebi qual a graça do mundo sem o álcool, sinceramente.

Conformo-me, é o consolo que me resta. Infelizmente, nunca mais verei o ringir frenético do saudoso mimeógrafo em dias de prova. Sua existência teve um triste fim. Eu, e mais uma porção de gente ficou sem poder apreciar o cheiro bom do álcool que as folhas de papel exalavam. O inebriante perfume daqueles frascos grandes que a professora injetava na máquina vai ficar apenas na lembrança.

E o tempo passará, como sempre foi. O saudoso mimeógrafo deixou sua marca indelével em mim. Meus dias eram plenos de estudo porque ele existia. E

me dava aquela oportunidade incrível de saber mais, ânsia voluptuosa de criança que, ao um toque sutil no papel macio e cheiroso, sentia-se grata ao universo por aquele momento. O álcool pode até ser ruim, mas depende muito do ponto de vista. Em um velho e bom mimeógrafo, era o maior produtor de conhecimento que havia, indiscutivelmente.

Ano : 2020

Título : Contar histórias: um fascínio

Categoria: Contos

Descrição: Contar histórias é fascinar. A si mesmo e aos outros. Nunca é, nem será, um ato egocêntrico;

Contar histórias é fascinar. A si mesmo e aos outros. Nunca é, nem será, um ato egocêntrico; é sempre uma aventura construída por muitas vozes, sonhos, ideias. É um compartilhamento constante da palavra e sua densidade emocional e afetiva mais profunda.

Fascínio foi o que movimentou a Casa Drum Música e Arte quando o festival de número um na arte da narração oral, no âmbito de Passo Fundo, ocorreu. Estava expresso nos olhos das crianças quando viram surgir a magia do “era uma vez”. Encontrava-se no rosto emocionado das três gerações de uma mesma família, avó, mãe e neta, que foram assistir a um espetáculo e comemorar a vida. Escondia-se no suspiro dos narradores que, mesmo embaixo de chuva, mantinham acesa a chama da história e intercalavam palavras e olhares com um público estupefato. Ali estava, ali se fundia e se expandia esse fascinante descobrir e se redescobrir por meio de narrativas.

Tudo se tornou mais pujante com a brilhante participação dos profissionais e alunos da Casa. Os desenhos expostos coloriam o ambiente, dando-lhe um toque de suavidade. Todas as sessões de narração iniciavam com música; era o portal perfeito para adentrar no universo do mágico que viria depois. Muitos daqueles que ali tocavam ou cantavam tinham a idade dos que estavam na plateia; ou seja, ainda se encontravam imersos no recanto da infância. E mesmo assim expressavam toda a sua capacidade artística, seus aprendizados, até suas dificuldades. No meio daquele clima todo, o importante era se encantar e inspirar; os pequeninos assim o faziam. Inúmeros foram os que despertaram para uma vontade, outrora escondida, de vivenciar o universo musical mais de perto. Naquele período, seguindo seu objetivo maior, a Casa Drum foi o ponto de encontro de muitas artes e manifestações culturais.

Ao contabilizar os feitos obtidos durante a intensa jornada de três dias de festival, os números saltam aos olhos. Um total de onze espetáculos, com um público de mais de 350 pessoas e o envolvimento maciço de educadores, atores, músicos,

artistas visuais e, claro, os contadores de histórias, mostraram o quão fecunda era a semente que ali estava sendo plantada. Uma ideia que nasceu pequena, tomou forma e se transformou em realidade, produziu um efeito hipnótico e deslumbrante em todos e agora estava pronta a se tornar um efetivo evento dentro da cena cultural municipal.

Fascinantes os caminhos que se abriram. E que desafiadores. Como manter acesa a chama? A Casa Drum Música e Arte, destemida, foi em busca da resposta.

Data : 04/04/2015

Título : Devaneios de um anoitecer de outono

Categoria: Crônicas

No momento em que escrevo essas linhas meu corpo repousa tranquilo sobre uma pequena poltrona, em confortável casa de uma cidade do sul do Brasil. O tempo está quente, nublado. É um belo anoitecer de outono com resquício da estação passada. Minha mente vagueia. Está viajando. Deleita-se pelos sonhos, desejos, esperanças. Um entusiasmo me invade de cima a baixo, e sinto meu espírito calmo, sereno.

Fui feliz no dia de hoje. Avistei, da janela de casa, um lindo beija-flor a roçar seus lábios sobre todo o jardim. Pousou demoradamente sobre cada bela flor que avistava. E se nutria. E me nutria. Meus olhos tiveram a graça única de saborear o voo desse pequeno irmão, que se enervou de liberdade e continuou seu caminho. Um silêncio sepulcral se seguiu intacto. Creio que a educadora natureza estava, a seu modo, divagando também em sonhos, ideias, energia.

Compartilho dessa força. Sinto em mim uma alma viva, esplendorosa, ávida por aprender, mas que já muito sabe. Uma alma que já veio ao mundo físico muito consciente de sua missão. E percebo, com alegria, que compartilho cotidianamente com minha essência desse ensinamento precioso que é o viver. Tão inevitável e insubstituível. O viver que me impulsiona a querer estar próximo de outras almas, sentindo, degustando da nossa capacidade de criar laços, de dar abraços, de dialogar francamente um com o outro. De amar. De ser. De querer. De se libertar. Pois nada, nem ninguém consegue extrair em uma fórmula, tese ou teoria o enigmático cerne da vida; pois a vida não é ciência exata. Ela se transfigura, renova-se, enlouquece, acalenta, desafia. Ela pulsa por si só.

E eu também pulso. Vibro ao escrever essas linhas. Sou, nesse exato instante, o filho, o amigo, o cidadão, o educador, o ator, o jardineiro, o sonhador, o fazedor, o amador. O jovem que se conecta a um cabedal de esperanças risonhas. O poeta que entremeia por sendas apaixonadas. Em mim se encontram todas as

vidas possíveis em apenas uma. E milhares de desejos convergem sobre mim, como pontes que me ligam ao meu íntimo, se há do meu íntimo alguma coisa neste mundo.

Se existe alguma missão a cumprir; se há um objetivo a ser perseguido, que nunca falte liberdade para pensar, ser, agir. E também para o contrário. Para se dar também ao direito de calar-se, pois o silêncio, muitas vezes, professa ideias com muito mais vigor e exatidão que o retumbo estrepitoso das vozes. Para duvidar, exercer a curiosidade, investigar, refletir, indagar, afirmar, negar. Somente estando numa posição de completo despudor da carga extremamente dogmática, ideologizada que carregamos, será possível comandar a vida como ela é. Nascemos para sermos livres, e é desse exercício que devemos nos prospectar sempre.

E, como construtor dessa missão/trabalho que tomei como base na vida, nutro a esperança de que um dia nós tenhamos esse livre estar na educação. A fim de que o educar não seja reduzido a meras patifarias indecentes que ainda nos assolam. Porque esta rica função de educar começa por si mesmo. Não há “ensinagem”. Não há a necessidade de se produzir currículos, avaliações, preparação profissional. A vida perpassa todas essas definições. É o aqui e o agora que nos educa. É essa vibração da alma, tão peregrina, que nos remete a querer sempre descobrir mais, saber mais, abrir-se. A escola é aquela que a gente cria. É o risco do lápis, o cálculo intrigante, a descoberta científica, a poesia da madrugada, o toque sutil do violino. São as rodas de brincadeiras, as invenções na cozinha, é a construção de castelos, sejam eles reais ou imaginários. O aprender é, por excelência, esse voo sem rumo, o mergulho visceral nas estranhas mais inquietas e miscigenadas da existência terrena.

De uma pequena conversa animada, um outono ainda quente, levo ao vento minhas sinceras palavras, e apenas desejo, do fundo do coração, que elas sejam felizes. Com a intenção única e irrestrita de continuar sonhando, fazendo, sendo. Pois não há nada mais sagrado no mundo que um indivíduo pleno da potencial capacidade de ser ele mesmo nesta vastidão imensurável de energia que nos chama.

Data : 03/06/2017

Título : É noite de São João

Categoria: Crônicas

Descrição: Dos doze meses anuais junho é, talvez, o que apresenta a aura mais apaixonante.

Dos doze meses anuais junho é, talvez, o que apresenta a aura mais apaixonante. É o frio se aproximando, são as bergamotas atingindo seu pico

máximo, é a metade desse universo de 365 dias chamado “ano”. Momento ótimo para esticar as pernas e os braços, olhar em volta, refletir, fazer ajustes, mas, acima de tudo, continuar a jornada. E, é claro, é mês de festa junina!

Essa sim traz uma beleza singular para essa época! Pipoca, bolo de fubá, amendoim, quentão, dança, animação. Uma riqueza sem tamanho, um brilho maravilhoso, sobretudo se a festividade é realizada por pessoas de coração nobre e delicado. Daí, então, tudo vira motivo para comemorar. Festa junina é outro elemento de união dos povos!

Pois em 2013, primeiro ano em que estive ligado ao Seminário Scalabrini, fui gentilmente convidado por meus aprendizes para o melhor evento até então conhecido, palavras deles. Seria um ótimo momento de me deliciar junto de um grupo tão unido, de conhecer pessoas novas e de espantar o frio com comida, bebida e alegria.

Com a cara e a coragem, como diz o velho ditado, eu fui. Queria realmente me jogar naquela sensação prazerosa proporcionada pelo convívio seminarístico. Sentia que devia estar sempre próximo a essa energia positiva, a esse novo e revigorante cotidiano em que havia me inserido. O resto, para mim, não importava àquela altura: a faculdade, as decepções, as dúvidas. O tempo presente era o maior presente que eu poderia me conceder.

E não é que eles tinham razão sobre a magia que haveria ali? Naquela noite tão fria pude ver e sentir tudo aquilo que procurava. Vi um casamento caipira digno de aplausos efusivos, uma preparação cuidadosa e especial da festa, uma apresentação pirotécnica fantástica, uma fogueira enorme e crepitante, novidade para mim. Vi que o mundo, apesar de tudo, ainda é um lugar fascinante, escondendo belezas em detalhes da maior sutileza.

Jamais me esquecerei daquela encantada noite. Outras festas se seguiram, igualmente belas e tocantes, mas aquela, por ser a primeira, tem um gosto especial. Talvez tenha sido o meu tenro contato prático com o que se convém chamar de acolhida. Num junho fulgurante onde, como diz a música, o céu fica todo iluminado, fica o céu todo estrelado, pintadinho de balão!

É noite de São João!

Data : 30/03/2015

Título : Educação e Política: uma associação perigosa

Categoria: Artigos

Descrição: Educação e política são dois conceitos muito poderosos para andarem juntos a qualquer preço.

Educação e política são dois conceitos muito poderosos para andarem juntos a qualquer preço. Tornou-se comum esta associação no sistema educacional. Parte-se do pressuposto de que a formação do ser humano precisa integrar os valores da cidadania, da democracia, da participação consciente nas decisões da vida pública do país. Há uma presunção de que essa associação possa produzir bons frutos, no sentido de dotar uma nação de elementos cada vez mais sólidos no que tange ao seu aprimoramento democrático.

É, entretanto, muito perigosa essa união. Educação pressupõe aprendizado, e este é vida. E a vida não é apenas política. O aprendizado não pode estar voltado ao objetivo de gerar seres conflitantes, que disputem posições sobre variados temas da vida comunitária com exacerbada posição meramente ideológica. O ato de educar visando à consciência política é falso: o educador tem suas próprias posições, e em quase todos os casos acaba por doutrinar os educandos a um único pensamento. Esta posição gera um bloqueio na permissividade de outros conceitos, teses e teorias, criando uma resistência muito forte à tolerância e ao diálogo.

Para que o ato de aprender seja realmente positivo em matéria de política, necessita primeiramente uma desvinculação com a ideia da ideologia. Pessoas com alto teor ideológico acabam por criar no debate um processo de empobrecimento, marcado, sobretudo, pela defesa de intransigente de uma verdade absoluta, única, exclusiva. E tal reprodução massificada dessa forma de dialogar faz com que educadores e educandos acabem se afastando dos verdadeiros conceitos imprescindíveis a uma noção política completa, dos quais destaco a liberdade como o principal.

Não há razões para se dividir em dois os primordiais conceitos políticos. A criação da dicotomia entre o certo e o errado, o bem e o mal, a racional e o irracional preconiza o embrutecer, forma polos antagônicos inexistentes, distanciam as pessoas de sua própria práxis comunitária, permite os rancores comuns na cena política nacional. Em nenhum momento houve a necessidade de libertação do ser humano de sua condição de oprimido social. Esta ponderação ao pensamento freiriano que aqui faço leva em consideração que a verdadeira necessidade de um ser humano não é lutar contra um sistema econômico porque há outro lhe oprimindo; é, antes de tudo, uma luta contra seus próprios preconceitos, seus medos, suas limitações, sua resistência ao crescimento humano por completo.

A educação precisa estar voltada ao exercício da convergência entre os seres humanos, da capacitação pessoal dos mesmos em todos os atos da vida, principalmente destes atos de viver, para que estes, sabedores do alto grau de transformação que lhes é inerente, possam comandar os debates, as ideias e as ações efetivas no tocante ao convívio social. Sem imposições de qualquer natureza, sem ranço, sem confrontos. Porque educar é processo para unir e não dividir, o que, infelizmente, não é a realidade momentânea.

Data : 15/07/2015

Título : Educação para um novo tempo

Categoria: Crônicas

Descrição: Qual é a educação que queremos? A educação autoritária, que limita as potencialidades dos seres humanos, ou o educar aberto, plural, democrático, autônomo, livre?

Qual é a educação que queremos? A educação autoritária, que limita as potencialidades dos seres humanos, ou o educar aberto, plural, democrático, autônomo, livre?

Na história humana muitas transformações já ocorreram. A educação, infelizmente, não acompanhou a modernidade. A escola de hoje possui o mesmo modelo de quando a educação obrigatória foi implantada: a infraestrutura de prisões, os objetivos de indústria e a disciplina rígida militar. Um sistema que já caducou faz tempo e necessita de uma profunda transformação.

"Educação para um novo tempo" surge, portanto, como um alicerce analítico sobre os rumos da educação para os novos tempos que vivemos. Um livro construído pelas percepções das mudanças necessárias ao nosso ser, para que a educação seja cada vez mais destinada a potencializar seres humanos em suas habilidades, seus desejos, sonhos, ideias, curiosidades, a fim de que a sociedade seja um espaço com mais felicidade e liberdade.

Gabriel Cavalheiro Tonin

Data : 19/07/2015

Título : Educar para um novo tempo

Categoria: Artigos

Descrição: Educar para um novo tempo. Eis que o conceito, por vezes, parece clichê.

Educar para um novo tempo. Eis que o conceito, por vezes, parece clichê. Repete-se constantemente, desafia aos burocratas que comandam pastas políticas e aos educadores que pensam, vivem e sentem a educação como um todo. De todos os lados surgem dúvidas acerca do que é esse novo tempo, qual sua representatividade frente à vida humana, como se materializa.

Nem sempre as respostas são simples. Aliás, responder não é a solução: questionar é o verbo certo a ser empregado.

A contemporaneidade é marcada por profundas transformações, advindas de uma nova concepção do ser humano frente sua potencialidade de criar e gerar conhecimento. O valor do saber se pulverizou, dinamizando-se constantemente, de modo a propiciar o surgimento de uma complexa teia de informações relevantes, cuja consequência natural foi o progresso científico, que irrestritamente produz cada vez mais benesses para a sociedade. O novo tempo, nesse sentido, trouxe à humanidade uma gama de novos horizontes, estimulando a expansão de seu próprio desenvolvimento pessoal, sendo o responsável direto de uma conexão muito mais crítica e veloz com o meio em que se vive.

O trabalho de educar para essa moderna configuração mundial da expressão humana possui, de imediato, a incidência da necessidade de transformar a resposta, absolutamente fria, pela indagação, muito mais rica e eficaz. Analisando-se a perspectiva histórica mundial, a busca por soluções imediatas era mais necessária em tempos outrora. Diante da concretização de avanços fundamentais para as sociedades como um todo, e tomando-se por base o conhecimento já agregado, a sede por respostas, paulatinamente, tornou possível a gana por mais perguntas. Em cada experimentação inovadora, seja em qualquer campo de estudo, o cabedal de dúvidas sempre se sobressai ao de certezas.

Logo, não há como desconsiderar a riqueza apresentada pelas novas gerações com relação àquilo que lhes move. E a educação (diferindo-se, aqui, do sistema escolar), como eixo fundamental da vida, precisa ser um suporte contributivo de sustentação das indagações, instigando-as sempre. O melhor modelo, portanto, para gerar aprendizagem e propiciar aos jovens uma base sólida para a concretização futura de seus projetos está vinculado à ideia da inexistência de modelo específico. Ou seja, para ser possível o exercício do "conduzir para fora" as regras em demasia prejudicam, pois, ao ser elaborado com base num molde ideal de educação, desconsidera o princípio básico do crescimento de cada um observando seu tempo, suas condições, seu interesse.

É fundamental que haja um desenvolvimento maciço da ideia de superação da escolarização, sem as quais as condições de continuidade progressiva do conhecimento humano podem se deteriorar. Não é mais válido aprisionar a juventude sob a tutela do Estado, a fim de que este "cuide" de seu futuro e seu desenvolvimento. Essa é uma premissa pessoal. Todo e qualquer meio de aprendizagem podem ser eficientes quando há, na base da relação entre mestres e aprendizes, a ampla liberdade de divagar por outros caminhos, de reconsiderar conceitos, de buscar fontes novas de pesquisa, de prosseguir ou encerrar estudos.

O novo tempo que surge requer seres humanos muito mais conectados em sua completude existencial. Seres que ensejem questionar mais, valorar mais as inquietações do espírito e as divagações da mente, abrir-se mais, que sigam a intuição de seus espíritos livres. A fronteira do conhecer é pequena demais e a oportunidade de acessá-lo é muito grande para que se perca tempo remoendo disciplinas, horários, círculos viciosos de conceitos arraigados em alto teor ideológico. O futuro bate à porta e os ensinamentos do mestre José Pacheco

se tornam extremamente evidentes: “formar é impossível, transformar é necessário”. Que se repita sempre, em todo lugar. Sábias palavras!

Data : 09/03/2015

Título : Estaticismo e Dinamismo nas relações de educação

Categoria: Artigos

As formas estática e dinâmica, tão amplamente utilizadas como conceitos da Física, são parâmetros confiáveis para uma análise ímpar sobre todo o funcionamento da sociedade, sobretudo no que tange ao sistema educacional, considerado o alicerce dessa construção chamada “futuro”.

Há de se pensar, de modo simples, que um corpo estático, e aqui, realizando o exercício da concomitância com a sociedade, podendo ser considerado como sendo elemento político, econômico ou cultural, é aquele que possui inexistência de movimentos, espaços limitados, congelamento. Ou seja, o estaticismo desse corpo o prende em questões já arraigadas de sua realidade, tornando-o um elemento em que as reformulações não produzem efeitos, dado o dogmatismo que o orienta.

O princípio do dinamismo, contudo, é o oposto do verificado no estático. O corpo dinâmico é aquele em que, dotado de capacidade para tal, movimenta-se, transforma-se constantemente, permeia-se por novos caminhos, atualiza-se. Logo, o dinamismo empreende sobre este uma força que proporciona espaços a fim de que as transformações lhe sejam absorvidas.

A inserção de tais princípios dentro da esfera social se torna imprescindível, de modo a provocar um exercício de atestação acerca das capacidades, potencialidades e necessidades das relações sociais. Percebe-se, nesse sentido, que a sobreposição da forma dinâmica sobre a estática é mais do que uma mera retórica filosófica: é a base para que se saia da letargia contaminante da sociedade, e se passe para um estado em que o ato de fazer diferente não seja atitude isolada, mas prática frequente.

No que tange ao universo educacional, toda a estrutura basilar de um empreendimento de sucesso, ou seja, de uma educação realmente potencial, passa pela práxis diária do conceito do dinamismo, aplicando-o à realidade da aprendizagem de modo amplo e irrestrito. A reprodução dos conceitos que até aqui vem pautando os debates concernentes à educação promoverão os mesmos catastróficos resultados. E o são assim porque estão engessados em suas próprias contradições; são, portanto, estáticos.

O ser humano, na expressão máxima de sua liberdade, é um ser dinâmico. Com o tempo se transforma naturalmente, e com essa vivência, estimulado que é pelo meio em que vive e pelas pessoas com as quais convive, vai tornando suas

opiniões, ideias, conceitos, impressões, pontos de vista, mais ou menos avançados. Maximiza uma profissão em detrimento de outras, escolhe, modifica, pensa, age. Movimenta-se por inteiro, e é nesse estado que deve ser incentivado de maneira mais aguda, pois, ao considerar que é ser pensante e ativo, coloca-se em patamar de que já não pertence a uma classe irracional, o que lhe abre horizontes inimagináveis.

O cenário, portanto, indica que é preciso repensar constantemente sobre as próprias atitudes, os métodos de trabalho, o modo de gerar aprendizado. Faz-se necessário ser dinâmico o suficiente para “pensar fora da caixa”, de modo a permitir um movimento de transformação propositiva, capaz de induzir o ser humano a um estado de aceitação própria, o que propiciará uma explanação exterior desse seu estado de espírito, tornando possível a construção de redes de diálogo livres, desse modo, não dogmáticas. Uma educação dinâmica, em uma sociedade que se comporta como tal, é um elemento que pode servir de verdadeiro avanço aos cidadãos que fazem este país.

Data : 16/02/2016

Título : Eu e nós

Categoria: Crônicas

Descrição: Não sei dar nó em gravata. Tive de recorrer a um vídeo para aprender.

Não sei dar nó em gravata. Tive de recorrer a um vídeo para aprender. Cruza os dois lados, puxa para cá, empurra dali. Tudo muito sistemático, mas, apesar de tudo, nunca fiz sozinho. Começo determinado, enquanto meus devaneios carregam minha consciência para um local distante.

O nó vai lentamente se fazendo. Como eu queria que alguns deles desaparecessem! Há nós que doem, são sofríveis, deploráveis. Sugam-me as energias, trancam-me a respiração. De repente minha garganta prende um choro, meu coração aperta, minha memória me condena. E o apaixonado se corrói, derretido por sua própria indecisão.

Nada dá certo. Puxo a gravata. Junto com ela vem mais um turbilhão de medos, angústias, dúvidas. Cada tentativa de dar um laço consistente, na gravata e na vida, é um esforço hercúleo. Olho para o espelho e enxergo um desalinho geral. O que fazer, por onde seguir, isto está certo?

Paro. Respiro fundo, tento concentrar a atenção numa só tarefa. Mas qual tarefa? Apaixonar-se pela pessoa certa? Casar-se, ter filhos? Viver uma aventura? Garantir uma aposentadoria tranquila? Morrer de amor, de prazer ou de tédio? Ser feliz? Aliás, o que é felicidade?

Não se tem respostas. Tudo se repete, tudo é ciclo. A vida vai e vem, é preciso aprender com ela. O meio termo é ilusão. E eu me perco, novamente. E o laço, teimoso, não se firma. Desdenha de mim, tal como o destino. Deve ter aprendido com ele a arte da malandragem, da enganação. Mesmo assim, não posso parar.

Retomada. Do vídeo explicativo, dos meus sonhos, da esperança no futuro, da fé na humanidade. Retomar a tarefa árdua de fazer enquanto se pode, de vibrar boa energia enquanto há vontade. Talvez, com um pouco mais de calma, empreender novamente no amor. Ou amar outro alguém. Ou esquecê-lo de vez. Ou quem sabe, ainda, uma vez mais, numa manhã de primavera, divagar perdido na própria cidade....

Nada combina, esse é o problema. Nem o terno comigo, nem eu com o Universo. Acho que nasci no lugar errado, na hora errada. A cegonha deve ter me depositado aqui por engano. Não há devolução, dizem por aí. Azar, ao menos uma tarefa vou conseguindo firmar. Mais um pouco, cuidando dos detalhes e... pronto! A indumentária está ajeitada. Menos mal.

Falta-me arrumar a existência. Nada que não se faça com o tempo, creio eu. Ao menos agora aprendi algo que, vergonhosamente, desconhecia antes. Percebo que dar nó em gravata é fácil. Difícil mesmo é desatar os nós da vida.

Data : 29/04/2015

Título : Feliz Jardineiro

Categoria: Crônicas

Descrição: É mania de criança sonhar, enquanto pode, em ter todas as profissões do mundo.

É mania de criança sonhar, enquanto pode, em ter todas as profissões do mundo. Eu mesmo já quis ser treinador de futebol, diplomata, advogado, cientista, empresário, político, veterinário e até mafioso. Do mais simples ao mais exótico. Tipicamente pueril, para não fugir à regra.

De pequenos sonhadores passamos a grandes executores, ou pelo menos deveria ser assim. Para uns começam as exigências: dos pais, da vida, do bolso. Para outros o caminho é mais fácil. Alguns possuem percalços no caminho; outros encontram facilidades.

Pouco a pouco vamos nos adequando. A realidade demonstra várias faces, as boas e as ruins. É hora de planejar melhor; não era bem isso o que eu queria; sou um fracasso; sou um sucesso; morrerei pobre; enriquecerei facilmente. Não é difícil encontrar expressões assim. O risco da ilusão corre simultâneo ao da paixão pelo trabalho. E não é fácil controlá-los.

Talvez coloquemos expectativa demais em nossos sonhos. Ou quem sabe falta mesmo vontade, empenho. Um toque sutil de poesia na vida profissional não faz mal. Aliás, auxilia, e muito. Previne colapsos nervosos, estresses sem motivos, brigas desnecessárias.

Por isso tenho a leve impressão de que, feliz mesmo no trabalho, deve ser o jardineiro. Admiro esse trabalhador. Está sempre em contato com o brilho das flores que enfeitam nossos pátios, praças e corações. É artista por si só. Com uma pontinha de fineza transforma espaços anímicos em verdadeiras obras de arte.

Os gerânios, as rosas, os amores perfeitos, as margaridas, as árvores são como filhos para ele. E como um bom pai ele os cuida com esmero. O carinho é recíproco; onde tenha um bom jardineiro há sempre um cantinho de muita beleza e magia.

O melhor de tudo é que ele ganha para isso! Além de estar em contato direto com a maciez e a delicada da natureza, ainda é provido de recursos financeiros para desempenhar tal função. Deve ser a felicidade extrema. Ainda não encontrei, em lugar algum, alguém que conteste minha tese.

É certo que a vida tem muito a me ensinar. Sei que verei colegas meus se formando, amigos abrindo negócios, participando de congressos no exterior, sendo reconhecidos. A mim também me caberá um rumo.

Mas a partir de agora quero ser um pouco jardineiro. Nem que seja para brincar com a vida, encará-la de modo mais leve. Ou para me encontrar por aí, nalgum jardim, em uma manhã de primavera.

Data : 01/01/2020

Título : Festival, um ideal - o princípio

Categoria: Artigos

A narração oral é prática das mais antigas; sua utilização como expressão artística, todavia, é recente. O uso da oralidade, de acordo com Mia Couto, "é a nossa primeira Pátria". É lá que habitamos desde a infância, pois antes de aprender a ler, ouvimos, e compartilhamos sonhos, ideias, imaginação, com os pais, avós, educadores e outros tantos personagens da vida real. Em muitos povos, o uso da palavra oral é a base da sociedade, e os narradores os guardiões do conhecimento e da sabedoria.

Nas últimas décadas, todavia, houve uma paulatina transformação desse poder narrativo em manifestação de arte. Vários grupos e artistas individuais surgiram pelo mundo, criando espetáculos diversos tendo a palavra como o centro de suas atuações, tornando-se verdadeiros profissionais. Embora muitos tenham

advindo do teatro, formados em artes cênicas, e outros tantos sejam músicos, artistas circenses, dentre outros, a narração oral artística se difere dessas, pois coloca a história a ser contada em evidência, não sendo uma representação, e sim uma apresentação.

Nesse sentido, o narrador oral, ou contador de histórias, como se convencionou chamar, alimenta-se do teatro, do circo e da música, por exemplo, para compor sua atuação, garantindo, entretanto, seu comprometimento com a história e a defesa da palavra. Esse movimento internacional teve reflexos na realidade brasileira e, como não podia ser diferente, também em âmbito local. Na cidade e região de Passo Fundo, floresceram, ainda que timidamente e a passos cautelosos, diversos contadores de histórias. São artistas que, gradualmente, foram se inserindo e se especializando nesse ramo. Muitos trabalhos passaram a ser apresentados à comunidade municipal, demonstrando a força da arte e destacando o necessário esforço para uni-los e dar visibilidade a esses projetos.

Observando a lacuna existente na narração oral da cidade, a Casa Drum Música e Arte idealizou, propôs e realizou, no ano de 2018, o 1º Festival de Contação de Histórias de Passo Fundo. Nascia ali um ideal, cujo objetivo maior era unir os contadores de histórias do município e fomentar seu trabalho, possibilitando a participação comunitária em um evento simples, mas muito ousado.

Naquele momento, surgiu uma indagação natural e pertinente: como realizar um evento dessa natureza? Partindo desse questionamento, construiu-se uma base de orientação clara e objetiva sobre as posições a serem ocupadas e as ações desempenhadas: compartilhamento da ideia, pesquisa acerca dos profissionais atuantes no ramo, engajamento de parceiros financeiros para viabilizar as atividades e, como elemento final – e extremamente importante – a execução do projeto. Passos que foram cumpridos à risca e colocaram no cenário de Passo Fundo um novo festival, aproximou o público de mais um espaço cultural intenso e lançou novos desafios a serem enfrentados a partir de então.

Data : 06/06/2017

Título : Fiz-me feliz com um pé de bergamota

Categoria: Crônicas

Descrição: Como é grande o valor de um pomar! Quanta beleza existe no meio de árvores frutíferas que alimentam, neutralizam as energias, ...

Como é grande o valor de um pomar! Quanta beleza existe no meio de árvores frutíferas que alimentam, neutralizam as energias, embelezam o espaço. Fornecem o doce sabor, o ambiente para conversas demoradas, a sombra para os dias de calor.

Por detrás do casarão verde do Seminário Scalabrini há um lindo pomar. Ali se encontram harmoniosamente distribuídas laranjeiras, bergamoteiras, ameixeiras. Ladeado por uma pequena estrada construída pelos seminaristas e protegida por araucárias e eucaliptos, o pulsante verde, que se transforma em colorido na época de nascimento das frutas, é um frescor aos olhos, à alma, ao coração e também à boca, que se delicia com tanta vitalidade.

Foi ali que me descobri feliz de verdade pela primeira vez em muito tempo quando, em um sábado de inverno, pus-me a comer bergamotas acompanhado de alguns aprendizes e uma boa conversa. Eternos minutos ao sol foram suficientes para que recobrasse o ânimo perdido em algum lugar desconhecido. O aroma, o frescor do dia, o teor do diálogo, a acolhida, a simplicidade, a natureza: senti-me abraçado pelo Universo que, instintivamente, dizia-me que havia muita vida em mim e muito a aproveitar.

Tornou-se um ritual a peregrinação semanal àquele espaço. Para me sentir em movimento, pleno de minhas capacidades, com mais coragem e determinação eu necessitava dessa inundação singela, mas tão benéfica. Era como um tratamento cumprido à risca: doses exageradas de encantamento sem motivo, injeções de devaneios poéticos, medidas sem extremos de francos compartilhamentos de vivências.

Ganhou minha saúde emocional. Cada instante passado sob aquela aura foi um renascer para mim. Vi-me livre, aberto, solidário. Com uma bergamota me reinventava. Com mais amigos por perto refazia o mundo. Com o auxílio do astro rei e da temperatura baixa, então, era imbatível. Ou seja, o poder da natureza me fazia flutuar diante dessa complexidade tão bela chamada vida.

Ainda pretendo me deliciar mais e mais com toda aquela essência pura. A felicidade não exige muito: basta carinho, gratidão, bons amigos. E, quem sabe, um pé de bergamota carregado por perto!

Data : 07/06/2017

Título : Gratidão

Categoria: Crônicas

Descrição: É noite do dia 06 de junho de 2017 quando escrevo esse texto.

É noite do dia 06 de junho de 2017 quando escrevo esse texto. Até o momento, desde aquele saudoso 10 de abril de 2013, já são contabilizados 1.518 dias de convivência esplendorosa com o Seminário Scalabrini. Muito? Pouco? Não sei. Apenas sei que é o tempo suficiente para já ter criado um vínculo quase familiar, uma intimidade particular com o espaço e com as pessoas que lá estão ou por lá passaram.

Falando nas pessoas é para elas que este último texto está destinado. Quero usar do espaço que me sobra para agradecer imensamente a todos aqueles com quem tenho compartilhado momentos nesses mais de quatro anos. Todos os padres, cozinheiras, faxineiras, enfermeiros, demais professores, amigos dos seminaristas, mas principalmente a eles, aos meninos, aos meus aprendizes, companheiros de muitas conversas, estudos, diversão. Minha gratidão a:

Marcelo, Marcos, Ruan, Júnior, Wilker, José Vytor, Maurício, Patrick, Willian, Alex, Henrique, Francisco, Samuel, Rafael, Anderson R., Tiago, João Paulo, Douglas, Jean, Alan, José Francisco, Anderson C., Loivo, Carlos Eduardo, Angelo, Felipe, Makallyste, Luan, Júlio, Bruno e Deivid.

Agora ou mais para frente sei que vamos nos cruzar novamente. A vida sempre se encarrega disso. Que vocês possam ser felizes sempre e em todo lugar. Meninos, o mais importante a dizer para vocês nesse momento é: vocês são demais!

Viva o Seminário Scalabrini!

Data : 17/10/2014

Título : Indicadores e antidemocracia no sistema de avaliação do ensino brasileiro

Categoria: Artigos

Um dos temas de grande envergadura para a educação nacional está vinculado aos índices das diversas provas e testes aplicados nacional e internacionalmente, avaliativas do desempenho da escolarização no Brasil. Não é difícil perceber que tais números possuem certo misticismo: alegam ilusoriamente um punhado de pessoas que acreditam que sim, estamos melhorando.

O universo de taxas, notas e metas não deve ser utilizado como padrão para uma avaliação sincera da realidade do ensino brasileiro. Os resultados de alguma prova aplicada aos alunos das escolas, tanto públicas como privadas, são distorcidos daquilo que é o patamar ideal de conhecimento. Até porque conhecimento, e aqui volto a repetir, é algo de liberdade, de construção pessoal, unilateral. No caminho percorrido para se chegar ao saber vão se agregando valores importantes, decorrentes do compartilhamento de saberes entre pessoas. Todos somos aprendizes, e esse aspecto deve ser relevado sempre. Não há lugar, nem idade, nem forma correta do que seja o aprender.

Decorre daí a ineficiência das avaliações como maneira de mensuração do saber de uma pessoa. As diretrizes e bases da educação nacional empurraram a obrigatoriedade da avaliação constante, do cumprimento dos

planos de trabalho, dos estudos de recuperação para aqueles que estejam em desacordo com as metas. Mas, que objetivos possui essa lei? Qual é a intenção da nossa sociedade? Sinto-me extremamente preocupado quando uma pessoa afirma que fará um teste acerca do aprendizado de outra. Para mim é sinônimo de manipulação, de enquadramento em regras pré-estabelecidas, que não oferecem válvulas de escape e são aprisionadoras da paixão curiosa de cada ser humano. O ato de avaliar, de reflexão sobre os ensinamentos que se tem não deve ser condicionado a nenhum boletim, nem menos a um papel com ideias definidas por um professor que pensa e age à sua maneira; deve ser, antes de tudo, pessoal e direto, utilizando-se dos objetivos traçados por si mesmo quando disposto a enfrentar as sendas do saber. Um indicador nacional é apenas um instrumento de reprodução de um pensamento genuíno e abstrato da educação, além de ser muito dispendioso do ponto de vista econômico.

Aliás, essa é uma das mais preocupantes estatísticas. O dinheiro consumido para a aplicação das diferentes provas e testes do ensino poderia ser mais bem utilizado. Se os recursos investidos nessa área fosse canalizado para atingir níveis de excelência, o Brasil já seria dono de vários Prêmios Nobel e estaria na vanguarda mundial em pesquisas científicas, empreendedorismo financeiro e social, sustentabilidade. Infelizmente é uma minoria de bons cérebros atuando no país servindo ao país. A maioria dos nossos grandes pensadores e executores da ciência, das artes e da cultura está no exterior, em interesse de outras nações. Jamais estimulamos, apenas empurramos o problema. A escola não atrai os jovens, não é democrática e não aperfeiçoa mentes brilhantes. A escola faz provas, e quer que os alunos tirem nota dez. Mas a instituição tem nota zero.

Há possibilidades de se inverter o jogo, de vencer os desafios, de encontrar novos horizontes. Para isso, contudo, muita gente terá de abrir mão da arrogância e considerar que não é o dono da verdade. Pois para que possamos fazer da educação do Brasil um sucesso precisamos de gente que não tenha ímpeto de querer sempre avaliar para diferenciar os bons dos maus alunos, mas sim tenha a humildade de se sentar junto deles para sempre aprender, pois a incompletude é uma das maiores certezas da natureza humana.

Data : 04/07/2015

Título : Inovação e o caminho da liberdade

Categoria: Artigos

Fazer o novo não é fácil. Se assim o fosse muitas transformações já teriam sido efetivadas em escala global. Inovar, porém, demanda apenas um caminho: liberdade de expressão. Somente se pode criar, reinventar, conceituar,

dinamizar quando se exercita o processo de não intervenção. Há de se lembrar de que o mundo é uma constante mutação, e que o certo e o errado são muito mais invencionices do que realidades concretas.

A inovação tem, portanto, o livre estar como pressuposto básico de sua existência. Não se inova sem que se saia da zona de conforto, e por este motivo se torna comum repetir ideias do que pormenorizar detalhes e ensejar renová-las. A dúvida, tratada como problema universal, deveria ser instigada; a sede por conhecer mais deve ser estimulada, nutrida, renovada periodicamente. Da indagação nasce a busca por respostas e dessa busca se criam conexões do ser humano com o material de pesquisa que dispõe no momento, seja ele obras importantes ou um mero diálogo entre amigos.

Logo, o indivíduo assume papel de protagonista nesse processo. E se percebe, claramente, que é indispensável defendê-lo diante da perspectiva inibidora e perniciosa do sistema escolar. Enquanto este tiver sua gerência atrelada ao Estado, que tem por objetivo claro a aceitação de seus princípios, ou seja, sua base está em fomentar a dependência humana de suas ações, fica evidente que o indivíduo será relegado a segundo plano, e inovar não será movimento natural de criatividade, e sim uma criação forçada e forjada a não perpassar limites de “razoabilidade”. Os limites, quando impostos, possuem como fundamento a adequação a valores e normas. Uma sociedade onde o conceito de dignidade não está vinculado à existência ou não de liberdade, onde desenvolvimento educacional se associa a metas matemáticas, e há um sentimento de vergonha que aflora entre os cumpridores dos preceitos mais básicos da raça humana, é um corpo debilitado, deletério.

A tarefa do pensar não pode encontrar barreiras impeditivas de seu desenvolvimento. É uma incoerência manejar o pensamento humano sob caminhos desejáveis, adaptando-os a gostos e contragostos por parte de alguns. Para crescer é preciso saber aprender, encontrar caminhos por si próprio, ao seu tempo, em seu ritmo, na vibração correta, cada um com a sua singularidade, percebendo-se pleno de capacidade e consciência. A fim de que o inovar, necessário à sobrevivência, não se esgote em si mesmo, mas se expanda, tal como o conhecimento, e provoque a transformação, livre, plural e verdadeiramente autônoma.

Data : 19/05/2015

Título : Libertas Quae Sera Tamen

Categoria: Crônicas

De onde surgem as dicotomias mais latentes do nosso estado de espírito, que nos levam a labirintos de nossa própria consciência, onde, sem um

apurado sentido de liberdade, acabamos por nos enveredar nas falsas verdades?

Talvez um questionamento gere um impacto muito forte em nosso ser. Eis que a família ensina, a sociedade complementa e a realidade, tão malfadada, vai se criando diante de nós exatamente como temíamos, porque não há sequer uma fonte de ideias capaz de romper com o paradigma. Dicotomia; polos antagônicos. É assim que, desde tenra idade, se má influenciados, acabamos por formar nossa vida. Vivemos sempre nas fatídicas extremidades do bem e do mal, sem que façamos convergir nossas experiências de vida para um equilíbrio necessário, ainda que este exija um pouco mais de esforço. Nada parece fazer sentido, tudo parece uma falácia enganosa, porque criamos e alimentamos a ilusão de que conjugar o verbo viver é a tarefa mais complicada de todas.

Somos ludibriados cotidianamente a maximizar nossos esforços em direção a um bem comum que não sabemos qual é. O meio social impõe o ritmo coletivista de uma maneira tão ferrenha, esquecendo-se de que, para construir o coletivo é necessário, em primeiro lugar, formar e fomentar o individual. E é dessa formação humanística verdadeiramente imprescindível que estamos sendo privados. Nossa existência gira em torno da máxima de pensar pelo outro, fazer pelo outro, mandar pelo outro, sem saber quem é este e quem somos.

Pensamos, problematizamos, idealizamos demais, mas fazemos de menos. As teorias mais reluzentes são também, em grande escala, as mais perigosas. Andamos em círculos, sempre arrodando e ruminando conceitos ultrapassados, pelo medo, ou vergonha, que temos de admitir o erro daquelas ideias e a necessidade de uma reconstrução. E assim, pouco a pouco, damos razão àquilo que mais combatemos, num hipócrita sentido de enganosa necessidade de sobrevivência.

E como se não bastassem as contradições que produzimos, fazemos questão de nutrir um gosto exacerbado pela vigilância máxima de nosso ser, como se ainda vivêssemos na idade da pedra ou nos tempos remotos do canibalismo. Impedimos os seres humanos de se desenvolverem por si próprios. Institucionalizamos a educação, a segurança, a política, que por mais provas tenham dado de serem extremamente segregacionistas e inibidoras da nossa capacidade de reflexão e decisão, continuamos a apostar cegamente nelas. Sob a custódia de um ente superior colocamos nosso ânimo em troca de segurança e estabilidade, dois conceitos inexistentes, completamente vazios. E tudo isto porque desde cedo aprendemos que mais vale “um pássaro na mão do que dois voando”.

E à indagação que restou pendente desde o início desta escrita deixo sem respostas. Ao expandir o cerne da questão pluralizo o debate. É o que resta diante da mínima preocupação em promover um choque profundo nas inabaláveis “bases de vida” que possuímos. Acredito que ainda se possa entonar o lema *Libertas Quae Sera Tamen*, a fim de que a inércia não nos consuma mais ainda.

Data : 20/04/2015

Título : Louco aprender

Categoria: Crônicas

Não me coloco a desdenhar

Minhas faculdades mentais

Pois a loucura que tenho

É questão de opinião

Com esses versos, há alguns anos, iniciei uma pequena poesia, onde exaltava o doce sabor da infância. Quão bela é a vida quanto sentimos a pulsação de sua essência e dela retiramos ensinamentos. Os versos, que naquele momento tomaram vida, surgiram desse ímpeto que é a criatividade, o resplendor do sentimento que, não podendo mais restar guardado, extravasa por todos os cantos.

Eis-me aqui novamente na tarefa de versificar. Talvez não da maneira como foram consagrados os grandes poetas da história da humanidade. Certamente não me ocorre poetizar criando sonetos parnasianos, que tanto amo. Versifico porque a vida é um grande jogo, de estar sempre semeando e colhendo pelos campos. Porque me revisto da ideia de que o aprender é ato totalmente humilde, inevitável, inerente ao ser humano, e que isto só já me basta para que seja a poesia mais singela, mas profunda, do mundo. O viver é uma grande roda de brincadeiras, onde estamos sempre sendo levados de um lado para o outro, na busca sincera e irrestrita pelo nosso despertar consciente.

É nesse sentido que a aprendizagem precisa ser criança o suficiente para brincar. Porque a essência do saber é louca; não segue regras, padrões, formas: revigora-se, explora o desconhecido, reinventa-se. Faz parte de uma conexão imensurável, vibrante, da qual não podemos nos separar. Um emaranhado de cores, palavras, símbolos, gestos, vontades, que vamos aglutinando em nossa experiência no mundo terreno e formamos os nossos valores, crenças, opiniões, teorias. Aprendemos por si só, porque dessa teia captamos o sentido dos detalhes, delineando em nosso ser presente, passado e futuro, que se fundem em um só, e nos dão a verdadeira dimensão do momento. E assim, por meio de incertas certezas, conduzimos um cotidiano pesado feito chumbo, num viver leve como pluma.

Ainda assim brinco com as palavras, a fim de que me libertem, e me deem a honra de poder viajar em mim mesmo, refletindo, desvairando-me por inteiro, abrindo portas, gerando conexões mais positivas. Pois não há fronteira que contenha o impetuoso espírito humano e, como já citei anteriormente, em um devaneio típico de educador poeta: a loucura que tenho é questão de opinião. E isso me basta.

Data : 24/03/2015

Título : Metamorfose

Categoria: Artigos

Descrição: A natureza ensina. É educadora. Lições preciosas emanam de sua imensidão todos os dias.

A natureza ensina. É educadora. Lições preciosas emanam de sua imensidão todos os dias. Recebemos e transmitimos junto dela uma aprendizagem sem limites. Ela é surpreendente por si só. Livre, imensa, frágil. Incomparavelmente única. Assim como o é o ser humano. Um centro incompleto de energias que fluem e determinam o mais e o menos, a felicidade e a amargura, o amor e a indiferença.

A maior lição que tomei da natureza adveio das borboletas. Lagarta, casulo, borboleta. Sequência lógica, repetitiva. Mas igualmente única. Toda metamorfose representa o renascimento. A transformação inerente a um ser singular. O recomeço de uma jornada, o resplandecer. Lenta, segura, necessária. A vida sendo realmente vivida. Intensamente. Sem medo de arriscar.

A lógica da metamorfose é um primoroso ensinamento. De sua essência podemos perceber: sim, necessitamos nos transformar. Não deve haver temor em afirmar isso. Não é sinal de fraqueza repensar as atitudes. É atitude de coragem. O mesmo destemor cotidiano da natureza em se tornar renovada, mesmo que às custas de um trabalho intenso e silencioso. A mesma disposição da lagarta em se resguardar sobre si mesma para dar lugar a uma bela borboleta.

A educação precisa disso. Esgotamos nossas capacidades. O sistema escolar faliu. Nossa alegria, nossa criatividade, nossa vontade emergente também está falindo. O caminho está embaraçado. Já não nos serve mais apenas repetir teorias, fórmulas mágicas, como se fossem o elixir necessário para prolongarmos nossa decadente situação: a transformação necessita ser completa, visceral, enérgica. Tudo converge para este momento; não é o passado nem o futuro que nos auxiliarão. É o hoje. O momento presente. O impulso crescente que nos toma por inteiro e, vez por outra, dá-nos esperança.

Não há segredos e caminhos longos para mudar a educação. Felizmente, ainda que os problemas sejam evidentes, muitos seres humanos já estão mobilizados. E vencendo suas batalhas, o que é o mais importante. Porque se desafiam, inovam, debatem, sentem. Colocam-se à frente de suas vidas. Norteiam-se pelo entusiasmo. Passo a passo, de mãos dadas, trabalham suas energias de modo a evoluir sempre.

Eis o nosso destino. Sentir-se bem, integrar-se aos nossos semelhantes, desfrutar de nossa riqueza. Porque a liberdade é aprender. A natureza também

é aprendido. E eu, e você e todos, como eternos aprendizes deste espaço imenso, nesta vida tão curta e tão bela.

Data : 28/12/2017

Título : No meio do caminho havia uma pedra, mas ele era um menino vencedor

Categoria: Crônicas

Nem de longe sei o que é um tratamento contra um câncer. Nem de longe consigo imaginar o susto de uma mãe ao descobrir que seu filho, uma criança de apenas dez anos de idade, está com leucemia. Conheço apenas a crueza hospitalar, também já passei por isso quando não tinha mais que nove anos de idade. Foi difícil, quase vivi meus derradeiros dias, mas venci. A doença, sempre silenciosa, manifestada na infância, sempre desperta um pavor; é como se fosse uma vingança, um castigo, com requintes de crueldade. Um momento como esse é o que desperta o humano para a verdade nua e crua da vida: somos frágeis, pequenos diante da energia vital. Somos mortais.

Criança não deveria sofrer. Nem com doença, nem com abusos, nem com maus tratos. A vida, sendo uma dádiva, precisa ser bem aproveitada. Garantir uma infância saudável é possibilitar a evolução de um ser humano. É claro que, palavras como essas, são lindas na teoria, mas difíceis na prática. Muito depende de nós, todavia. As ações que tomamos são decisivas para a vida daqueles que nos rodeiam, sobretudo a dos pequeninos. O problema é quando os nossos poderes mágicos, o nosso heroísmo tão vislumbrado pelos filhos passam a ser nada diante de um exame de sangue que constata uma deficiência na medula, ou seja, um câncer.

A vida tem dessas. Inexplicável, sim, mas é o caminho. Nós é que teimamos em não nos acostumar. E vamos, tocando em frente, como já dizia a música, sem tomar consciência dos fatos. Diante da enfermidade, é necessária a intervenção. Dolorosa, pesada, egocêntrica, radical. Intervir em células disformes no corpo de um menino de dez anos. A repetição, inclusive, é válida: UM MENINO DE DEZ ANOS. Que poderia estar aí estudando e se divertindo com os amigos, ou mesmo correndo de kart, como é sua paixão. Poderia estar em mil lugares sendo criança verdadeiramente, seguindo o impulso tão belo de viver com inesgotável energia as descobertas da vida.

Mas não. Sua realidade é a bruteza de um quarto de hospital, a quimioterapia e os inúmeros efeitos colaterais que a mesma proporciona: dores, desconforto, e, o pior deles, a perda de seus lindos cabelos. Que, aliás, não era simples fios capilares. Eram a visão de um grande e lindo trigo, que se completavam com o céu do mais puro e límpido azul que surgia dos seus olhos. O céu ali continuou.

O campo de trigo foi ceifado, como numa colheita. Ao fim de tudo certamente ele retornará, ainda mais belo e viçoso.

Um dia esse menino há de acordar e descobrir que tudo o que viveu, na verdade, foi um sonho meio danado, atrevido, quase um pesadelo. A leucemia não será mais que uma incômoda visita, que veio, olhou e, rabugenta, foi-se embora, sem ter conseguido levar nada. E ele vai estar correndo em seu carro de kart, voando as tranças, como diz o ditado, vencendo provas. Vai crescer e encarar de frente seus desafios. Há de encontrar percalços, desafios, há de chorar, mas também vai rir e se divertir e, quando cansar, vai sentar tranquilo e vai descansar demoradamente numa cadeira de praia, com os pés na areia, escutando as cantigas do mar.

Nesse dia a felicidade estará o esperando. De braços abertos, bem extravagante, cheia de vontade de apertá-lo. E ele vai recebê-la com muito carinho, com um trigal sobre a cabeça, uma doce voz saindo da boca, um sorriso magnífico e um pedaço do céu colado no rosto, transfigurado em dois lindos e apaixonantes olhos azuis.

Data : 01/01/2020

Título : O festival toma forma

Categoria: Artigos

Descrição: Ciente da grande responsabilidade que possuía ao se propor a realizar um festival voltado à arte de contar histórias, a Casa Drum Música e Arte reuniu seu time para debater e analisar ideias.

Ciente da grande responsabilidade que possuía ao se propor a realizar um festival voltado à arte de contar histórias, a Casa Drum Música e Arte reuniu seu time para debater e analisar ideias. Liderados pela diretora Jaqueline Drum, os membros da equipe, composta por profissionais da música, das artes visuais e da narração de histórias, abraçaram a causa e passaram a trabalhar em vários eixos, esboçando propostas úteis ao enriquecimento do novo evento.

De imediato surgiu uma convergência do grupo acerca da integração de todos as manifestações artísticas no festival. Ainda que voltado à oralidade, necessário se fazia utilizar de todas as ferramentas disponíveis para atrair público e, ao mesmo tempo, fomentar dentro da Casa as áreas ali trabalhadas. A união passou a ser o ideal trabalhado por todos.

A coordenação geral dos trabalhos ficou a cargo do professor Gabriel Cavalheiro Tonin. Sendo assim, deu-se um direcionamento original em três sentidos: busca de apoiadores financeiros; diálogo com os contadores de histórias a fim de convidá-los a participar do evento; e divulgação desse em âmbito municipal, focando-se em dois segmentos: o público escolar e a comunidade em geral.

Entre os meses de julho e outubro de 2018 o trabalho sobre a ideia foi intenso. A captação de recursos, em se tratando de um projeto novo, foi tímida; a certeza no êxito da proposta, contudo, não desviou a equipe do objetivo principal. A adesão dos artistas e dos educandários, porém, foi vivaz e altamente receptiva. A novidade conquistou os corações, pois representava um passo importante na arte e cultura de Passo Fundo, tão desassistida e monopolizada em poucos grupos.

Paralelo a esse trabalho, os professores da Casa atuavam com seus alunos para garantir que o evento fosse dotado de uma múltipla e rica expressão artística. Foram programadas apresentações musicais, individuais e em grupo, além de exposição de desenhos, no intento de colorir e propiciar ao público participante o aconchego necessário para as atividades principais, os espetáculos de narração de histórias.

A chegada da data tão esperada, 25 de outubro, injetou ânimo e ansiedade em todos os envolvidos no processo. Era o momento de pôr em prática um projeto pretensioso, que se ancorava num sonho, mas tinha também uma base sólida de quem já estava no cenário cultural de Passo Fundo querendo deixar sua marca. E assim se concretizava o 1º Festival de Contação de Histórias da cidade.

Data : 01/01/2017

Título : O fruto encantado

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte de criar personagens é tocante. De repente você está no meio do nada, observa uma cena, ...

A arte de criar personagens é tocante. De repente você está no meio do nada, observa uma cena, ouve uma expressão qualquer, percebe no amigo, na avó ou no desconhecido um trejeito interessante e pimba: nasce uma nova figura.

Para que serve essa fantasia? Para a dramaturgia, em geral. Literatura, teatro, espetáculos variados. Mas pode também servir para divertir e ser um canal para expressar a criatividade escondida dentro de cada um.

Num dia de muita inspiração imaginativa, depois de ouvido à exaustão aquele nome de um colega, alguns de meus aprendizes seminaristas começaram a dar forma a essa personagem. Era a tia, amável e maluca, com sua mobilete e seu notebook (a máquina de escrever vermelha), muitas aventuras prontas para florescerem, muita magia envolvida. A mulher ligeira e faceira que apreciava uma boa rapadura, que já tinha vivido muitos séculos e, ainda assim, era jovem e atual, a criadora do Alalua, manifestação própria da alegria, da paixão pela vida. Ela, a inestimável, a formidável, a rapadurística TIA ZEPHINHA!

Rapidamente se tornou um verdadeiro xodó, e quando eu a conheci brotou um amor de imediato. Falar dela junto de seus sobrinhos era fantástico. Quantas boas histórias repousavam adormecidas nas narrativas que me faziam os seminaristas! Quanto material para criar aventuras, para sair por aí contando causos às crianças, abraçando outras pessoas com essa pulsação fantasiosa!

Como desejei entrar para aquela família! Descobri, porém, que só poderia fazê-lo se houvesse o batismo oficial, o chamado de Zepha. Resolvi, portanto, usar da escrita para deixar minha herança. Muitos foram os contos que dali surgiram, todos tecidos com uma vivacidade ilimitada. E quando da chegada de meu aniversário de dezoito anos, eis que recebo uma surpresa: um ofício rapadurístico (assim chamamos os ofícios de Zepha) me tornava oficialmente seu sobrinho. Agora sim eu estava pronto para explorar totalmente esse universo.

A semente, de tão bem plantada, germinou vigorosa, e se tornou um lindo livro infantil no ano de 2016: o Roda Pião. A essência mais pura das invencionices daqueles meninos foi para as páginas daquela obra, com a tia comandando sua trupe, muito bem ilustrados, diga-se de passagem, por Maicon Ribeiro, o nosso Capitão Giz de Cera.

E como felicidade é elemento essencial da vida, quanto mais se tem, melhor se vive, encontrei em uma antiga parceira de teatro a mulher ideal para encarnar a tia e levá-la aos quatro cantos. Foi assim que Beth, minha eterna sócia, colocou um toque de sua delicadeza às formas da personagem e criou um tipo único, encantador e divertido, sendo que, até o momento em que esse texto é escrito, já são somadas mais de dez apresentações em escolas, onde Gabito Pirulito e Tia Zefinha (a grafia do nome foi levemente alterada em nome das crianças) fazem uma folia gostosa pra chuchu!

Com toda essa magia hoje temos um grupo de arte chamado Alalua, onde desenvolvemos teatro, contações de história, escrevemos livros, e pintamos, ao nosso modo, um mundo melhor. Tudo isso partindo de uma simples visita a uma biblioteca, numa quinta-feira onde o sol, quase se despedindo daquele dia, disse-me com carinho: vai, seja feliz, ali tem um mundo doce e fascinante a ser explorado!

Alalua!

Data : 01/01/2017

Título : O paraíso existe

Categoria: Crônicas

Descrição: O paraíso existe. Porém, veja bem: não estou falando do lugar onde as boas almas descansam após a morte, ...

O paraíso existe. Porém, veja bem: não estou falando do lugar onde as boas almas descansam após a morte, segundo algumas tradições filosóficas e religiosas creem. Minha referência é destes tantos pontos fenomenais por aí, de extrema beleza e encanto aos olhos.

É claro que o leitor desse texto, desapercebido, começa a imaginar o que é paradisíaco: praias muito limpas, montanhas, cidades espetaculares. Concordo plenamente, até porque tais locais são divinos.

Mas eu quero tratar do meu paraíso. E eu o descobri em 2013, mais precisamente no mês de abril, e, para ser mais exato, no dia dez. Uma ligação telefônica me conectou a esse universo. Senti-me agraciado com o convite para conhecer e integrar a equipe desse lugar. Iniciava-se ali uma história mágica!

No mesmo instante bradei à família: vou para um Seminário! Quase matei de susto a todos. Como assim? Pois então pensava eu no sacerdócio e nunca havia comentado com ninguém? E a faculdade? E os outros projetos?

Tratei de acalmá-los. O convite não era para ser seminarista, mas sim professor. Auxiliar garotos do ensino médio a se entenderem melhor com a química, apenas isso. Uma tarefa desafiadora, pois eu estava mergulhado no mundo jurídico à época, mas era eu quem havia escolhido aquilo. Queria criar algo de valor à sociedade e ainda por cima receber uns trocados.

Naquele já longínquo dez de abril me pus a marchar em direção ao Seminário Scalabrini. Para dizer a verdade fui conduzido por minha mãe, pois nunca nem sequer sonhei onde ficasse esse lugar. A viagem foi curta, mas quando cheguei ao destino quase enfartei de encantamento. Uma entrada colossal, com palmeiras jervás distribuídos nos dois lados e um enorme casarão verde de dois pisos estavam à minha espera. Flores se espalhavam por todos os cantos, um verde exuberante contagiava o espaço e, o mais belo de tudo: ao olhar para trás vi a minha cidade de Passo Fundo toda pequenina no horizonte, com seus prédios gigantes parecendo formiguinhas ao longe. Que vista espetacular!

A recepção foi mais calorosa ainda. O ambiente dentro da residência era simples, mas muito acolhedor. Colocamo-nos na sala de aula e, com todos os meninos ali reunidos (mais de dez), iniciamos nossa jornada (uma jornada, aliás, digna de cinema, maravilhosa).

Simplesmente havia eu encontrado o meu pedaço de paraíso na Terra. E ele se tornou ainda melhor com o passar do tempo. Num lugar assim, é impossível ficar imóvel. O espírito acaba cobrando por se deliciar com toda aquela magia. Assim foi. Muitas aventuras nasceram. E tudo por causa da ligação de um anjo que me fez uma proposta e eu, pleno de vontade, aceitei-a. Genial!

Data : 08/10/2014

Título : O princípio da liberdade e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos princípios mais importantes elencados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) é o princípio da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o saber, a cultura e o pensamento.

Um dos princípios mais importantes elencados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) é o princípio da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o saber, a cultura e o pensamento. É fácil perceber o motivo de estar ali. Difícil é compreender quais são as razões para não estar sendo cumprido em sua plenitude.

Quando se conjuga o verbo aprender, não se pode reduzir o aprendizado a nenhuma fórmula, conceito ou hipótese específica. O caminho do conhecimento não é limitado; é rico, plural, livre. Faz parte de uma bifurcação sem fim, onde variados são os modos de se chegar até ele. Conhecer não é um ato simples, tampouco complexo demais. É algo inerente ao ser humano. A curiosidade, quando despertada, incita ao saber. E a busca, que é pessoal, única, unilateral, deve ser empreendida com aquilo que cada um crê ser o melhor para sua concepção de mundo e para a sua constituição enquanto cidadão ativo no meio social.

É por essa razão que a referida Lei trouxe, em seu conteúdo, o princípio da liberdade. Quem observa com agudez os fatos sociais e a realidade em que se vive, percebe claramente que não se pode amesquinhar o conhecimento ou reduzi-lo a uma crença, a uma ideologia, a um currículo. Não é por acaso que se diz que quanto mais se sabe, mais se vê que não se sabe nada. Porque não é um período de aula, 200 dias letivos, uma carga horária específica que fará com que as crianças despertem o seu íntimo em busca do aprendizado. Esses elementos aprisionam mais que libertam. Criam barreiras para o pleno desenvolvimento das capacidades humanas, tolfhem o que há de mais sensível e verdadeiro em cada um. Pela obrigação irresponsável imposta pela lei e pelos órgãos burocráticos quanto ao cumprimento de regras, deixou-se de produzir o novo: inevitavelmente a sociedade está reproduzindo, há tempos, os velhos chavões, e as antigas percepções de mundo, em que ainda imperam a desigualdade, a destruição ambiental, a guerra.

Sob uma perspectiva histórica não é difícil perceber que a lei definidora das diretrizes e bases da educação brasileira já caducou. Lá se vão quase vinte anos de sua criação sem que houvesse um movimento radical propondo a sua transformação, tendo em vista que medidas paliativas nunca resolverão os problemas. A lei que garante pontos positivos para o trabalho na educação de base, à gerência dos projetos escolares, é a mesma que sufoca a comunidade escolar com metas, obrigações, necessidades que até hoje não foram explicadas para que servem. Está-se vivendo um período em que as ilusórias funções de garantia da disciplina e da ordem têm tomado muito mais tempo e dinheiro do que o investimento no ser humano, e na oferta das ferramentas necessárias para que o próprio produza o seu saber e possa compartilhar com os demais.

A mudança não é política; é, antes de tudo, cultural. Parte da base em relação ao topo. Deve ser empreendida não pelo Estado, que se mostra

inoperante com aquilo que seria sua função, mas pela sociedade, que necessita formular suas convicções com maior veemência e lutar por elas. Um novo horizonte é possível de ser alcançado. Basta que se abra mão das velhas concepções em prol das novas ideias, e da transformação social, política e humana tão desejadas no tempo presente.

Ano : 2021

Título : O temível Velho do Saco - entrevista exclusiva

Categoria: Crônicas

Temido por uns, odiado por outros, sobretudo as crianças. O personagem entrevistado de hoje é o famoso Velho do Saco, um vendedor ambulante de quinquilharias que ficou conhecido em todo o país como um temível senhor que recolhia crianças mau comportadas. Nesse papo, ele vai revelar sua verdadeira identidade, falar de sonhos e fazer um apelo. Confira!

Repórter – Sr. Velho do Saco, que honra tê-lo em nossa presença. Toda a equipe se sentiu muito animada com essa conversa.

Velho do Saco – Agradeço muito, Zé do Bairro. Mas a tua equipe está contente hoje, se fosse há alguns anos, quando eram pequenos, garanto que estariam se mijando nas calças (gargalhada estrondosa)

Repórter – Essa foi boa! Pelo que vejo o senhor tem bom senso de humor

Velho do Saco – E não é pra ter? Eu tenho uma vida muito movimentada, vigiada. Tem que ter muito bom humor pra levar tudo isso adiante.

Repórter – De fato, Sr. Velho do Saco. Aproveitando o seu comentário, eu gostaria de perguntar: como o senhor vê esse uso indiscriminado da sua imagem, de forma até distorcida, por todo o Brasil?

Velho do Saco – É um desaforo, na verdade. Eu era um simples vendedor de bugigangas, muamba, você sabe, comprava aqui no Paraguai, em São Paulo, levava pro norte, pro sul... Coisa de brasileiro que precisa sobreviver, né?

Aí, do nada, eu já quase me aposentando, quase “pendurando as chuteiras”, como se diz, acontece um fato e eu fico marcado. Isso me incomoda muito.

Repórter – Que fato foi esse, afinal de contas? O senhor poderia contar ao público?

Velho do Saco – Isso faz tanto tempo! Foi por aí, numa cidadezinha qualquer, que tem mais ladeira do que gente. Estava eu na rua, uma subida do capeta, já tinha vendido quase tudo. Tava até que faceiro. Daí passou um menino correndo ligeiro e a mãe gritava mais atrás: “Joaquim, volta aqui sua peste!”. Pensei com meus botões, é coisa de família, deixa quieto. Mas logo eu vi que um carro meio desgovernado, na direção do diabinho. Qual foi minha reação? Recolher o garoto! Como ele não parava, coloquei dentro do saco em que levava os produtos. E você sabe como é: sempre tem uma velha fofqueira nessas cidadezinhas. Aí uma fala pra outra enxada: olha lá, o velho do saco tá levando o menino travesso. E a fama se espalhou!

Repórter – Entendo. Então quer dizer que o senhor nunca teve intenção de fazer mal a nenhuma criança?

Velho do Saco – Meu filho, quem faz mal à criança é o governo! Esse país não tem escola decente, não tem hospital pra atender o povo, não tem nem água encanada (muita gente nem sabe o que é isso) e eu que faço mal às crianças? Faça-me o favor!

Repórter – Está certo, concordo. Mas, então, para que essa imagem turva sobre sua pessoa se desfaça, conte um pouco mais sobre a sua vida, sua rotina.

Velho do Saco – Eu sou um homem muito simples, não gosto de luxos. Nasci em mil novecentos e não te interessa, num vilarejo no interior do interior. Casei cedo, depois de voltar do Exército, tive quatro filhos, três moças e um rapaz e trabalhei sempre vendendo muamba. Agora, nessa idade, só quero saber de ir num bailinho com a minha velha de vez em quando, cuidar do jardim, fazer umas marcenarias. Coisa miúda.

Repórter – Nada de aventuras, portanto?

Velho do Saco – De que jeito? Nesse país ser velho é uma tristeza! Se eu invento de fazer uma estripulia e quebro uma perna, um braço, um dedinho do pé, que seja, vou morrer à míngua. Uma cirurgia demora um século, os remédios são caros. Tá tudo perdido.

Repórter – Noto que o senhor tem bastante revolta com o governo. O senhor se considera de esquerda, direita, ou de centro?

Velho do Saco – Se vou ao meu amigo Marcos, pego a esquerda; se vou visitar minhas netas, pego a direita. Quando tenho de pagar conta vou até o centro, onde ficam as lotéricas.

Repórter – Muito bem, senhor. Chegamos ao fim da nossa conversa. Gostaria de deixar alguma mensagem para o público?

Velho do Saco – Quero sim. Quero dizer que as senhoras mães e os senhores pais, por favor, prestem atenção nos filhos de vocês. Deixem de ser frouxos e botem essas crianças nos eixos. Não adianta me chamar, eu não vou levar esses pepinos que vocês colocaram no mundo. Aguentem vocês. E eu quero que me esqueçam! E era só isso!

*Depois da entrevista o Sr. Velho do Saco convidou o repórter para conhecer os artesanatos que ele próprio produz em sua oficina. Dona Isaura, sua esposa, recepcionou o nosso jornalista com um pudim, que foi trazido à redação do jornal para também provarmos. E, realmente, era uma delícia. Valeu, dona Isaura!

Data : 16/04/2018

Título : O vício de Dona Maria

Categoria: Contos

O encontro dos namorados. O homem pega a mão da mulher, olha-a nos olhos, aquelas duas pedras preciosas marejadas de lágrimas. Ele diz “eu te amo, você é a mulher da minha vida”; ela, suspirando, deixa escorrer uma lágrima sobre o rosto e sorri; ele devolve o sorriso, faz menção de beijar, e lentamente os lábios de ambos se encostam. O amor está no ar. A música toca. Fim do capítulo.

O ambiente, antes silencioso, volta a ser inundado de rumores. Dona Maria suspira junto com a mocinha, e começa a confabular. Será que eles vão descobrir que a megera da vilã armou para separar o casal? Será que agora serão felizes? E tricota, fuxica, elabora as suas teses.

Não vai dar nada certo com esses dois, diz ela. Esses autores de novela gostam de enrolar e fazer o povo sofrer. Mas esse homem, ah um homem desses na minha vida! João Miguel, um pão delicioso. A avó sonha; os netos riem. Uma quer um amor envolvente, arrebatador. Os outros querem é saber onde estão os doces naquela casa.

Chamada na televisão. Silêncio! Todos se ajeitam em suas cadeiras, antes que a cobre fume para seus lados. A próxima novela da programação vai começar. E a Dona Maria, já desfeita de seu romantismo, encarna no próximo folhetim e sorri, malignamente: é hoje que aquele crápula será desmascarado!

Vai entender esses vícios de gente idosa!

Data : 02/01/2017

Título : Obituário

Categoria: Crônicas

Descrição: Folheio as páginas do jornal diário. Admiro, confesso: as informações, de uma uniformidade invejável, são as mesmas de ontem, de anteontem e de sempre.

Folheio as páginas do jornal diário. Admiro, confesso: as informações, de uma uniformidade invejável, são as mesmas de ontem, de anteontem e de sempre. O mesmo ritual de tragédias, pessoais e coletivas, embarçam-se por aquelas linhas e se jogam à minha frente, à espera de interjeições de espanto, crítica, irritação.

Prefiro me resguardar no silêncio. Os inquietantes olhos não gostam de se prolongar em demasiado nestas provocações da edição obsoleta do jornal. Meu caminho é apenas um, aquele recanto em que há vida (e morte) transfigurada em sínteses por vezes nem tão fieis e certamente pouco agradáveis de serem feitas: o obituário.

Por vezes é o bom pai de família, trabalhador, cinquenta e alguns anos de idade. Outras exibem uma senhora que muito gostava de passear na companhia dos filhos, caridosa, amante de jardins bem coloridos. De um lado os atacados pelo infarto repentino ou pela moléstia silenciosa de um câncer; de outro aqueles que partiram serenos como uma vela que vai se apagando lentamente.

Pessoas que nunca vi em minha frente. Vozes que por mim não foram ouvidas, rostos que não me foram apresentados. Jovens e idosos, gente comum ou gente importante, seres humanos como eu e você, caro amigo, que cumpriram sua passagem e voltaram à sua origem, aliás, à nossa origem, o pó. Seres que agora estão ali, para que eu e todos os leitores do jornal os conheçamos, mesmo depois de mortos, num resumo de suas vidas disposto naquelas linhas pardas.

Talvez seja uma minha curiosidade em saber o que, como e porque tomaram aqueles rumos. A morte é, quase sempre, a única saída para sermos glorificados. O obituário é prova disso: não há palavras de crítica, nem de desgosto, muito menos de raiva. Ao menos ali estas pessoas tiveram alguma qualidade, uma obra de vida reconhecida, mesmo que nesse antro de sofrimento chamado Terra tenham tido dores, dissabores e melancolias.

Quisera eu ter a oportunidade de conversar com elas. Já não podem falar, mas enriqueceriam a edição do jornal se tivessem a oportunidade de revelar aqueles segredos de vida, seus desejos ocultos, os erros cometidos. O desenho de suas breves biografias seria totalmente diferente, mas muito mais realista. Tal como a moeda, a vida também tem dois lados.

De tanto escarafunchar na existência alheia já finita, fecho o jornal e o empurro para longe, a fim de recomeçar o meu ciclo enquanto ser vivente desse planeta. Pode ser que um dia minha vida também seja contada da mesma forma. Será o dia em que serei exaltado como o apaixonado pela escrita, admirador das flores, sensível às crianças. Mesmo que já tenha sido um trôpego embevecido de palavras fúteis, atiradas ao vento sem nenhuma precaução ou contraindicação. Apesar dos pesares, realmente, a vida ainda vale a pena ser vivida.

Data : 26/01/2016

Título : Quando eu voltar a ser criança

Categoria: Crônicas

Descrição: Uma análise crítica acerca da obra "Quando eu voltar a ser criança", de Janusz Korczak

Quando eu voltar a ser criança é mais do que uma simples obra literária. É um verdadeiro tratado de direitos inalienáveis da criança, em que esta, colocada em uma posição especial, torna-se a protagonista de sua própria história, e assim a transforma, conforme sua liberdade de expressão.

Para adentrar na obra, realizando uma análise mais precisa, faz-se necessário partir de um primordial questionamento, por vezes esquecido: afinal, o que é ser criança? É prêmio, é castigo, é consolo, é o inferno, é o paraíso, é o princípio, é o fim, é fácil, é difícil? O que é ser um pequenino? É, acima de tudo, ser humano. Amar, pensar, agir, brincar, correr, sentir, como qualquer criatura racional. Ser criança é estar naquele estágio da vida em que os sonhos falam mais alto, a vontade de fazer acontecer é maior, a inovação predomina, o sentimento transborda, a contemplação do mundo é a fonte de ideias. Sinteticamente, a infância é o período em que floresce a dúvida, fomenta-se a consciência e se abre para o futuro.

Infelizmente, e o livro trata dessa questão com maestria, toda essa riqueza da criança não é tratada como prioridade. Os menores são renegados ao limbo; a eles tudo é imposto, a obediência deve ser exemplar, os princípios devem ser absorvidos, o castigo é uma constante, o diálogo é impraticável, suas opiniões nada valem, seus desejos são suprimidos, sua curiosidade é tolhida, sua energia é apagada, ou seja, sua vida é invadida pela moralidade fracassada de um mundo pensado e executado pelos adultos. A crença na ignorância juvenil ensejou a criação de um meio de doutrinação humana necessário a atender às exigências de uma sociedade pusilânime, o qual foi denominado, com o tempo, de sistema educacional. E a contemporaneidade ainda vive arraigada na base

da escola obrigatória e do respeito zero. Do muito falar e do pouco fazer. Da obsessão pela razão suprema, pelo domínio da vida, pelo poder político, econômico, cultural.

Como seres humanos as crianças merecem respeito. Os preconceitos amplamente disseminados as tratam como um fardo, uma ovelha frágil que precisa se integrar ao rebanho, aprender a se comportar, seguir as normas, obrigar-se, obedecer, e esse vício não para, multiplicam-se as cobranças e o resultado evidente é um futuro adulto sem autoconfiança, empobrecido de sentido de ação, totalmente bloqueado em suas próprias habilidades e capacidades. Alguém que reproduzirá diariamente o sistema de retenção das liberdades individuais, máxima expressão humana, que deveria ser totalmente difundida.

Assim como o personagem central da história de Korczak, que volta a ser criança e, a partir de uma nova percepção de sua infância, torna-se consciente das aflições de uma jovem alma, também deveríamos todos refletir e observar melhor sobre a condução de nossas vidas, tanto no fator individual quanto coletivamente. Para que não intentemos mudar o mundo sem mudar a si próprio; para não sermos impetuosos pregadores de verdades absolutas, pois elas não existem; para que deixemos de lado as limitações que nos aprisionam e passemos a nos desafiar, imbuídos da coragem terna e sincera de uma criança.

Recomendo veementemente a leitura de Quando eu voltar a ser criança como uma importante ferramenta de desenvolvimento pessoal, afinal, todos já fomos crianças um dia. E ao Dr. Janusz Korczak aqui fica meu agradecimento pelo heroísmo, pela bravura, e por esta lição primorosa de ternura.

Data : 01/01/2012

Título : Sabores da infância

Categoria: Poesia

Não me coloco a desdenhar

Minhas faculdades mentais

Pois a loucura que tenho

É questão de opinião

Dormir até mais tarde

Chupar bala de menta

Brincar após os quarenta
Comer bolo de milho

Tirar da gaveta os livros
Fábulas maravilhosas
Muitos heróis de cinema
Mil histórias poderosas

Jogar bola com os amigos
Cantar e dançar na chuva
Ou talvez se assustar dela
E correr para o colo da mãe

O afago e o beijo à noite
Canções de ninar ao dormir
Os feitos dos Três Mosqueteiros
Dia e noite, sempre companheiros

Relembrando esse passado
E suportando a intolerância
Carrego em mim a alma de menino
E o doce e gostoso sabor da infância

Ano : 2021

Título : Se você fosse sincera, Aurora

Categoria: Crônicas

Minha sobrinha se deita em meus braços e é embalada por marchinhas de carnaval. As preferidas são Jardineira e Aurora. Não que seja gosto dela, sua idade não permite discernir as músicas. A escolha é exclusivamente minha.

Enquanto tento fazê-la dormir, desfio meu poderio vocal e minhas lamúrias. Ninguém nota que o cantar nada mais é do que um desabafo.

Os olhos da pequena pairam sobre mim, atentos. A jardineira está triste porque uma camélia caiu do galho, deu dois suspiros e depois morreu. Eu também estou triste. Quer dizer, eu nem sei se estou triste, entediado ou desiludido. É quase sempre impossível dar nome aos bois quando se fala de sentimento. Uma tarefa sem sentido.

Ela resmunga um pouco. Seus olhos agora reviram. Continuo insistindo na jardineira. Não surte muito efeito. Acho que minha sobrinha já está ficando enjoada da música. E como não estar? A expressão da derrota é essa moça que chora por causa de uma flor já falecida.

E a minha derrota, é por qual motivo? Chacoalho a pequena e tento dissuadir essas ideias toscas. Não posso me sentir um perdedor. Seria um ato de covardia frente a tudo o que tenho feito. Um dia alguém me disse: não lamente as perdas; isso tudo é história para contar depois. Talvez esse alguém tivesse razão.

Sem nem pensar no que estava fazendo, troco de canção. A sobrinha agradece. Parece estar mais relaxada. Em poucos instantes dormirá. Mal sabe ela que a marchinha de agora é mais doída ainda. Aurora, ah, se você fosse sincera... Hoje seria madame, morando em lindo apartamento com porteiro, elevador, e ar refrigerado para os dias de calor.

E quantas Auroras existem por aí. A da marchinha é só um símbolo. Malvadas são as mulheres. Adoram dispor da arte da sedução e depois entregam suas verdadeiras faces. Encantadoras que são, sabem os pontos fracos dos homens. E não se furtam de usar e abusar dos dotes que Deus lhes deu para exercerem a falsa sinceridade. Um jogo de olhares, a voz macia e convidativa, o toque suave. Tripudiam o máximo que podem. São sempre as vencedoras.

A pequenina, muito mais pelo balançar do que pela voz melancólica do tio, dorme. Mal sabe ela que o jeito que o mundo tem. É até melhor assim. Que seja criança despreocupada e sadia. Deixa as marcas e os desgostos para esses iludidos apaixonados, aventureiros e sofredores.

E quanto à Aurora, ou qualquer outro nome que venha a ter, bem que ela podia ser mesmo sincera e leal. Um ritmo carnavalesco merecia uma mais animada razão de existir. As dores poderiam ficar para os fados, as milongas, os tangos. Eu iria cantá-los do mesmo jeito, em alto e bom som. Só não sei se a sobrinha gostaria. Um dano irreversível no coração de um é muito; mas numa pobre criança, aí já é demais.

Data : 22/12/2014

Título : Sensibilidade e aprendizagem: a transformação da educação

Categoria: Artigos

Descrição: Um ano tem o montante de trezentos e sessenta e cinco dias, cada qual com vinte e quatro horas, totalizando um tempo...

Um ano tem o montante de trezentos e sessenta e cinco dias, cada qual com vinte e quatro horas, totalizando um tempo suficientemente razoável para realizar muitas ações positivas. Ou seja, são mais de três centenas de possibilidades de gerar valores, tanto para si próprio quanto para os outros, criando assim uma corrente de transformações necessárias para impulsionar o presente e o futuro de uma nova humanidade.

Fiz-me essa proposta quando decidi me tornar um professor particular: utilizar das diversas oportunidades que um ano oferece para semear e colher bons frutos. Partia, naquele momento, em busca de alguma função que fosse boa financeiramente, mas que me proporcionasse também o contato com outras pessoas, o compartilhamento de ideias, a discussão de projetos. Desejava me aprofundar na matéria que, talvez, seja a mais importante do mundo, não presente, porém, em nenhum currículo escolar: a humanística.

Para se entender acerca desse importante princípio de vida é necessário tomar uma análise de si próprio e ter a coragem de assumir que se é um ser humano. Alguém cujos erros acontecerão, decisões deverão ser tomadas, sentimentos florescerão e necessitarão de um movimento para se expressar. Questões aparentemente normais, sem que tivessem, contudo, a devida importância respeitada. Porque de certa forma a fórmula para se compreender o ser humano em seus mínimos detalhes se perdeu, seja pela figura traiçoeira das multifacetadas relações da contemporaneidade, ou por qualquer outro motivo irrelevante.

A humanística da minha prática me ensinou a respeitar cada “aluno” meu de uma maneira equânime quanto ao trato pessoal, mas diversa ao se tratar da relação de aprendizagem entre mim e ele. Tendo em vista as contextualizadas diferenças entre eles, tanto no termo social, econômico ou até mesmo cultural, fez-se necessário que de mim emanasse um sentido de responsabilidade maior, para que fosse desenvolvido um trabalho de interligação dos laços do saber em torno da causa a qual estávamos destinados. Ou seja, o rol de possibilidades que ganhávamos a cada movimento em direção a um saber não institucionalizado, mas amplo, pluralizado, democrático, tornava-se cada vez mais o ponto forte de nossos elos. Porque nos eximimos do estabelecimento de uma relação hierárquica para fomentar a troca legítima de ideias, valores e princípios que são, de certa forma, necessários para a vida.

Mas a inserção nesse processo depende de um fator fundamental, indispensável para todos os envolvidos na educação: a sensibilidade. Quando se toma por base o ser sensível, aquele que escuta, compreende, aconselha e além disso promove a aprendizagem, é possível perceber que se torna muito mais dinâmico e envolvente o ritmo da geração de conhecimento. Pessoas com alta capacidade de conceber o outro, e a sua busca pessoal sobre os paradigmas que o envolvem na vida em sociedade, tendem a ter resultados mais satisfatórios no tocante ao aprendizado, pois o valor deste deve ser medido não pelas

avaliações de papel, mas sim pela unidade que um grupo apresenta em torno de objetivos comuns.

A sensibilidade que promove a abertura do ser humano para si mesmo e para o mundo, permitindo-lhe observar a vida de um modo diferenciado, é a mesma que dissemina a ideia do devido apego de um professor ou de uma comunidade para com os seus jovens, se levado em consideração o fato de que é dessa juventude que partirão os rumos do amanhã. Esta convicção me conduziu a ser um professor particular, ainda que esse, talvez, não seja o termo correto. A certeza de que disponho nesse momento vai de encontro à expectativa de poder construir ao meu redor uma rede de educadores compromissados com o ser humano, que sejam atenciosos, curiosos e sensíveis, acima de tudo.

O conjunto de momentos propícios a essa propagação de ideias, numa referência aos trezentos e sessenta e cinco momentos que apenas um ano apresenta, é a constatação mais fiel de que é possível transformar a realidade, trilhando por caminhos inovadores e prósperos. Para que a nova escola não seja apenas mais um alicerce destinado a servir um sistema educacional, e sim se torne um espaço de expressão dos seres humanos em sua máxima potência, a fim de possibilitar o surgimento de novos horizontes para o mundo inteiro.

Data : 04/06/2015

Título : Sensível Aprendiz

Categoria: Crônicas

Descrição: O educar não conhece limites, e, se há fronteiras para a educação, não se está educando.

O educar não conhece limites, e, se há fronteiras para a educação, não se está educando. Parto dessa simples premissa para entender que mais vale um ser humano consciente de suas capacidades, desenvolvendo seus talentos, do que um que tenha em seu cérebro a fadiga de ter decorado fórmulas, nomes, teorias. A aprendizagem requer o bem estar, o livre arbítrio, aquele atributo tão importante chamado de sensibilidade. O mundo é tão imenso para ficar reduzido em conceitos tão empobrecidos.

É necessário observar, diante desta perspectiva, o poder de uma criança, de um jovem, ou seja, de adulto em gestação. A criança molda um mundo diferente, colorido, inovador, pleno de vivacidade. O jovem sempre é um rebelde sonhador; em seu íntimo fulguram sonhos, escolhas, solidariedade, energia, chamas que, muitas vezes, vão se apagando com o tempo, tornando-os adultos extremamente hipócritas e infelizes. Mas elas estão lá. No fundo de cada um, prontas para transbordar, tornar-se parte das suas vidas, impactar o mundo. A positividade e a negatividade dependem muito daquilo que se mentaliza e do

que se realiza. O julgamento antecipado, o descrédito, o ignorar o outro são as verdadeiras causas de se ter, na atualidade, uma juventude problemática, seja pelo fato da evasão escolar, seja pelo cometimento de crimes. O vínculo amoroso não está sendo construído e efetivado na realidade. Não se é sensível o suficiente para entender a magia do olhar de um pequenino.

O adendo que aqui faço é para poder agradecer. Quero poder ter, nesse momento, a humildade de estender meu abraço aos grandes teóricos da educação com os quais venho trabalhando há algum tempo, responsáveis por tornar meu conhecimento de aprendizagem mais robusto e sólido: meus alunos. São estes seres humanos com os quais convivo que conduzem suas vidas, de maneira a sempre filtrar dela a sabedoria, o conhecer ilimitado. São todos estes “alunos” (e coloco entre aspas, aqui, porque não são exatamente alunos, mas amigos) que me motivam a entender o coração das pessoas. Eles são plenos de capacidades, de desejos, de curiosidade, de toda essa riqueza que as pessoas têm, a maior existente, que não é explorada devidamente. E eu, professor, não sou nada mais do que um mero aprendiz ouvinte, que se esforça ao máximo para lhes garantir a atenção, o cuidado, o olhar profundo, pois todos somos incompletos e imortais seres, que não podem se dar ao luxo de perder o belo da vida porque querem a beleza externa de um pavão, e o reconhecimento ignóbil por uma posição social.

Aos educadores, dou-lhes uma dica: esqueçam, por um instante que seja, todo esse cabedal de palavras de grandes escritores da educação; coloquem um pouco de lado as teses, os conceitos educativos, as observações críticas sobre determinados assuntos. Dediquem-se a olhar nos olhos de seus alunos; sentem-se como crianças, pelo chão, descalços, e sejam ávidos ouvintes das teorias deles. Dispam-se um pouco da soberana posição hierárquica, limitadora, e estejam, ao menos uma vez, presentes de corpo e alma nesta tarefa nobre. Ignorem o MEC, as regulamentações, as leis, elas não condizem com a realidade que se vivencia. Desfrutem o momento ímpar de poder estar atentos ao que uma criança fala, façam perguntas, estimulem-nas, sem cobrar rancorosamente, apenas deixando-as livres para expressar todo o seu conhecimento, as suas inquietações, a sua gratidão pela vida, o seu amor. Construam vínculos de amizade, de pertencimento, e, sobretudo, respeitem-nos! E lembrem-se sempre de que não são eles que necessitam de nós, e sim nós que precisamos muito do que eles têm.

Sem medo, nem culpa, jogando-se totalmente abertos na intensidade humana. Assim se efetiva uma educação de qualidade. E mais uma vez me rendo a dizer: obrigado, meus alunos amigos, por me fazerem aprender o quão lindo é conectar almas e vivenciar sonhos.

Data : 03/06/2017

Título : Super máquina scalabriniana

Categoria: Crônicas

Descrição: Imaginem vocês uma super máquina potente, bonita, barulhenta (inclusive), rodando ...

Imaginem vocês uma super máquina potente, bonita, barulhenta (inclusive), rodando pelas vias de uma cidade de médio porte, com mais de meia dúzia de rapazes dentro dela, fazendo folia, conversando, trocando ideias. Para lá e para cá essa máquina corre, aventura-se, coloca sua emoção na pista, guiada por um sacerdote devoto de São Miguel. Afinal, de que estaria eu falando? Claro! Da Super Kombi do Seminário Scalabrini!

Dispensam-se muitos comentários sobre essa fenomenal criação da humanidade. Uma Kombi, com toda a sua beleza e encantamento, não é apenas um veículo: é um mundo de aventuras em quatro rodas, um espaço onde tudo pode acontecer lá dentro. Andar de Kombi é um ato histórico. Quem o faz se sente como se estivesse em uma época anterior, onde o mundo era menos chato e careta como nos dias atuais.

A majestosa dos seminaristas é como a maioria que se vê por aí. Tem tudo o que as outras têm, até porque seria esquisito não possuir os mesmos apetrechos. A sua diferença reside nas pessoas que a ocupam. Veja só: o motorista, o anjo Celito, é um dominador ímpar das artes automobilísticas; não dirige o veículo simplesmente, o faz flutuar. Os demais são garotos na fase áurea da adolescência, que não medem esforços para tornar o espaço um centro de diversão, cultura, lazer, mas também coisa séria.

A branquinha já os levou a muitos cantos. Já passeou por outras terras, já respirou outros ares, já foi até utilizada em gravação de filme! (filme, curta-metragem, trabalho para a escola, o nome pouco importa). É mimada como uma filha, adorada como uma mãe, recebe mais atenção que uma avó adoentada. Não passa uma semana sem que a lavem, sem que a acariciem e garantam que, depois da família, da Santíssima Trindade e dos estudos, ela é o grande amor da vida deles.

Foi esse ambiente de magia por uma super máquina que inspirou o atual Grupo de Arte Alalua, do qual sou um dos malucos fundadores, a querer uma Kombi também. Já imaginou sair por aí carregando livros, brincadeiras, espírito arteiro a todos os cantos, tal como os seminaristas que carregam sonhos e suas vivências vocacionais? Seria o máximo!

Enquanto o nosso sonho não se realiza, eu me dedico a apreciar junto com eles o poder da Kombi. A vida, apesar de imensa e cheia de coisas boas, só tem sentido se houver aventuras, emoção, gargalhadas. É o que não falta se, junto com você, além de bons amigos, tem também um possante calibrado para fazer esses momentos vividos realmente valerem a pena.

Data : 01/03/2016

Título : Tia Zephinha, um estado de espírito

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando penso em Tia Zephinha, construída sobre os alicerces de uma imaginação fértil, lembro-me das crianças. Torna-se nítida a mim a imagem dócil dos pequeninos brincando de invencionices, criando nomes, figuras, jogos, palavras ainda não existentes.

Veza por outra me pego pensando, refletindo profundamente, dobrando-me sobre meus conceitos para enxergar posições e pontos de vista ainda não descobertos. Vivencio, há três anos, uma jornada maravilhosa ao lado de seminaristas afáveis, na função de um auxiliar escolar, um amigo a quem recorrer em casos de dificuldades dos estudos obrigatórios. Comumente me chamam de professor.

Não importa a alcunha, esse é um detalhe menor. Foi no Seminário Scalabrini de Passo Fundo, numa tarde fria do mês de abril, que me foi apresentada a versão jovial e alegre dos corações daqueles rapazes, a alma de criança deles que ficou incrustada em suas imaginações e dali floriu para uma criativa criação: a Tia Zephinha.

Debrucei-me muito tempo a imaginar de onde teria vindo tamanha criação, desenhada com esmero partindo de ideias, de pequenas loucuras, de uma incessante faceirice por meus aprendizes. Edificaram uma personagem que se tornou o símbolo da minha passagem, ainda presente, por aquele local. A Tia, onipresente e onisciente, não é uma réplica da divindade superior que nos rege os dias, mas é um estado de espírito, um acalento para os dias difíceis, o horizonte aberto da capacidade maravilhosa de colocar emoções, sonhos e belezas na nossa vivência terrena.

Quando penso em Tia Zephinha, construída sobre os alicerces de uma imaginação fértil, lembro-me das crianças. Torna-se nítida a mim a imagem dócil dos pequeninos brincando de invencionices, criando nomes, figuras, jogos, palavras ainda não existentes. O ato de inventar tão puramente é o que nos legitima, é o que nos engrandece, é o que nos faz feliz. E criança, ainda que todas as dificuldades por vezes impostas em seu caminho, é feliz, pois vislumbra mundos paralelos ao seu, não numa fuga da realidade, mas sim num ato de aprendizado constante sobre as agruras da vida, sobre o amor, a dor, a morte, o empreendedorismo, o carisma, a liderança.

Tal como viver, esses devaneios que tenho, ao me colocar analisando a Tia, abrem-se em descobertas e desafios instigantes. E me posicionam, de maneira agradável, ao lado das crianças, pois não há melhor lugar no mundo para se sentir seguro, importante, em paz. Sejam elas crianças pequenas ou crianças de alma, ainda que já tenham crescido um pouco, como meus graciosos aprendizes, não importa. Vale mesmo a intenção de encontrar nos sofrimentos do mundo físico os versos poéticos da vida.

Hoje Tia Zephinha está pronta para se tornar uma figura de livros infantis que já estão em fase de publicação. Ela nascerá para todos nas páginas literárias, fazendo suas loucuras, inventando suas esquisitices, sendo pura e

genuína. Por ser o dono das mãos que pintaram suas histórias só tenho a agradecer aos meninos do Seminário pela oportunidade maravilhosa que me ofertaram. E à Tia mais amada de todas só me resta desejar: boa sorte, Tia Zephinha, que tua jornada seja tão feliz quanto a minha nessa caminhada como professor. A gente se encontra por aí, nos sorrisos dóceis e carinhosos das crianças!

Data : 26/05/2017

Título : Um anjo diferente

Categoria: Crônicas

Descrição: Era uma vez uma sexta-feira qualquer. Dia útil do calendário comum onde não costumam acontecer grandes fatos.

Era uma vez uma sexta-feira qualquer. Dia útil do calendário comum onde não costumam acontecer grandes fatos. Quase perto da uma hora da tarde, inesperadamente, recebo uma chamada telefônica. Surpresa imediata. Atendi-a, solícito. Três minutos de conversa. De um lado uma proposta. De outro, o aceite. Tudo combinado para uma visita ao local naquele mesmo dia.

Já me detive falando do meu pedaço de paraíso. Não imaginava, porém, que a definição dada por mim ao Seminário Scalabrini fosse tão exata. Não é que vim a descobrir a identidade de quem me lançou a proposta naquela chamada telefônica? Era um anjo!

Está certo, é preciso dizer: esqueçamos a ideia de ser angelical que temos em mente, aquele vestido de branco, com asas, cachos dourados e uma auréola na cabeça. O que conheci aquela tarde gosta mesmo do trabalho do campo; usa roupas simples, óculos, não tem pompa nenhuma exteriormente, mas por dentro exala uma jovialidade ímpar e um encantamento irretocável. Chamam-no reitor, ou seja, comanda o lugar. Logo, por dedução lógica, é um padre. Uma pessoa a serviço do sacerdócio. Um homem de nome Celito.

Aos poucos fui conhecendo melhor aquela figura emblemática. Padre Celito não pode ser considerado o chefe centralizador; é um pai, um protetor, um conselheiro especial. A condução de seus meninos não é feita impositivamente, ao contrário: apaixonado que é pelo entendimento mútuo, busca sempre ouvir e equilibrar as atitudes para tomar as melhores decisões. E a seu modo foi criando verdadeiras famílias, que deixam de ser simples agrupamentos de garotos em busca de formação religiosa para serem verdadeiro lar, no mais famoso sentido da palavra: Lugar de Acolhimento e Refúgio.

Esse anjo, mesmo não tendo poderes celestiais, torna o pouco uma verdadeira fartura. Aqui e ali vai semeando um futuro melhor. É rígido, mas não perde o sorriso. Reservado, é concentrado em suas tarefas, mas não deixa de

torcer pelo seu Grêmio ou de acompanhar uma boa festa preparada por seus pupilos. Generoso, estende a mão a quem precisa. Como qualquer ser humano também tem dúvidas, angústias, também sofre. Todavia, ergue-se fiel e dedicado, pois mantém acesa a chama de dois pilares básicos para um ser de luz: o amor ao próximo e a esperança.

Certamente Padre Celito sabe que seu legado é enorme. Não se exhibe, contudo. Prefere trabalhar no silêncio fortificante da vida, caminhando um passo por vez. Seus meninos, e eu, da mesma forma, aplaudimos seu trabalho. Pois hoje, aonde quer que estejamos, carregamos um pouco dele em nossos corações. E, sem sombra de dúvidas, somos pessoas melhores por sua influência.

Ao Celito da Kombi, torcedor fanático, pai carinhoso, sacerdote exemplar, amigo de todos, apenas uma palavra é suficiente para resumir toda essa admiração: gratidão!

Data : 03/11/2014

Título : Um pequeno ponto azul no Universo

Categoria: Artigos

Descrição: O mundo é um pequeno ponto azul no Universo. As galáxias, a imensidão do espaço, o pleno e o vazio característicos de sua imponência, e nós aqui...

O mundo é um pequeno ponto azul no Universo. As galáxias, a imensidão do espaço, o pleno e o vazio característicos de sua imponência, e nós aqui, tão frágeis, tão indefesos, e ao mesmo tempo tão vigorosos, racionais, iluminados. Tão cheios de poder e de capacidades imensuráveis e tão detalhadamente imperfeitos a ponto de a inteligência que beneficia é a mesma que nos dilacera.

A discussão é longa. Não quero aqui me ater ao teor religioso ou místico da coisa. A compreensão das nossas múltiplas facetas exige uma curiosidade ativa e a mente aberta. Costumo dizer que fazer é mais fácil. Certamente esse é um verbo mais palatável ao cotidiano. Sou um fazedor, como diria um grande amigo meu. A interação que faço com o meio é muito mais ação do que reflexão. E isso não implica em uma concepção depreciativa da arte de pensar. Pelo contrário, sou favorável ao filosofar, à construção de teses, ao jogo do raciocínio. Este, por sua vez, deve estar condicionado à prática, a um trabalho desenvolvido, ao construir concretamente as pontes para o desenvolvimento de um futuro mais justo partindo de um presente mais digno.

Digo isto porque recai em mim a preocupação da dinâmica atual do mundo, em que muito se diz e pouco se faz, e em que a repetição grotesca dos conceitos mais arcaicos e obsoletos tem travado o andar da humanidade. O

tempo que nos transcorre em discussões longas, por vezes acaloradas e sempre burocráticas demais é valioso, não volta atrás. O movimento da sociedade mundial nos patamares de hoje é empobrecedor. A tendência do comodismo vem tomando espaço no cerne social como uma praga difícil de ser compreendida e muito mais complicada de ser extirpada. Reduzimo-nos a uma sonolenta monotonia, um vaivém descompassado, em um ritmo que não é frenético nem tranquilo: é leniente, incompreensível, obscuro.

É justo que se julguem contraditórias tais afirmações. Uma observação simplória da realidade tecnológica e científica atual prova que a humanidade tem andado a passos largos na produção de novos inventos, máquinas, e fórmulas. O problema não está no volume de produção, mas sim na absorção humana desse cabedal de possibilidades que nós temos a nosso bel-prazer. A resolução daqueles problemas básicos da nossa existência ainda não foi executada. Da mesma forma em que fazemos com que a ciência avance a um ritmo acelerado, reiteramos as nossas dificuldades e não nos capacitamos para realizar a mudança verdadeira, aquela que nos possibilitará um encontro conosco mesmos e com nossos semelhantes, a ponto de, unindo-se em nossas convergências, começarmos a trabalhar em prol de um desenvolvimento transformador.

O efeito de tal objetivo primordial só pode ser conseguido se nós diminuirmos a distância segregadora entre os humanos. A real situação da ótica de hoje demonstra que criamos mais muros do que pontes; burocratizamos as relações que poderiam ser tratadas de maneira direta; impomos uma verdade imutável, que, apesar de frágil, não ousamos romper. Inflamo-nos de leis, de reuniões, de pactos, de aulas e o sistema não avançou. Trancamo-nos em salas para discutir a fome, mas não damos de comer aos famintos. Elaboramos legislações para controlar a devastação ambiental, mas somos incapazes de conscientizar e agir efetivamente, nem que seja plantando uma árvore. Recluímos jovens em salas de aula para lhes “ensinar” a cidadania, mas não a praticamos em nosso cotidiano. A hipocrisia nos toma por inteiro, e nos reveste de uma desconfiável sensação de liberdade e avanço, quando, na verdade, retrocedemos.

O sentido da caminhada que devemos empreender neste século XXI deve estar voltado para a libertação das velhas contradições que nos amordaçam. Para que tenhamos a justa compreensão de que a nossa incompletude é um ponto em equilíbrio com a possibilidade revolucionária que temos nas mãos. O mundo, o pequeno ponto azul na imensidão escura, é único, raro. Cabe à humanidade a tarefa de preservá-lo, visando um livre futuro, sem medo do passado. Sem que nos omitamos de sermos humanos o suficiente para reconhecer os erros e aperfeiçoar as nossas virtudes.

Data : 08/06/2015

Título : Um projeto feliz

Categoria: Crônicas

Descrição: No meio do nada, num tempo qualquer, num ritmo descompassado, surge uma ideia.

No meio do nada, num tempo qualquer, num ritmo descompassado, surge uma ideia. E ela se transforma. Germina, reverbera, ilumina-se. E se põe em marcha. Para, olha inquieta, amedronta-se, mas segue firme. É uma ideia semeadora de futuros. Mais do que isso: é um sonho. Uma grande nuvem que paira diante da realidade trazendo a chuva de boas realizações e energias positivas. Nutre-se do amor que se dispense por ela, e da vontade que se coloca em alcança-la.

De repente essa ideia é o sorriso de uma criança curiosa e enérgica, que se questiona sobre a existência da vida humana na Terra, e se entremeia por teorias próprias, só dela. Ou mesmo é da menina que se encanta pelas folhas caindo com o advento da estação outonal, e se apaixona por saber que é “bem como o outono deve ser”. E ela é minha também. De quando acreditava fielmente no poder dos livros infantis, ou de quando construía sobre minha imaginação os diálogos possíveis das histórias que sonhei escrever.

É de todos, por sorte. A ideia é a luz que se acende contente e se multiplica; seja ela grande ou pequena, não necessita ser ordenada, basta que tenha alma. Para florescer não precisa ser regada à água, basta-lhe canalizar bons fluídos. Surge do ermo das nossas emoções, e vai se construindo passo a passo, até explodir de felicidade por se ver liberta das amarras e concretizada no plano prático. É quando se transborda da máxima satisfação que um ser humano pode possuir: a certeza de que, enquanto vivo está, pode transformar a sua realidade.

Assim nasceu o Projeto Feliz. Totalmente desprezioso, viu-se surgido de inquietações pueris, da voz escondida dentro do ser criança que, em uma lampejo de libertação, pode expressar sua vontade. Tornou-se parte de uma ideia de transformação, em seu sentido pleno: o binômio transformar mais ação. Pois é do fazer, ainda que simples; do tentar, mesmo que se erre, que se vão concatenando as possibilidades que temos em concretizar no mundo mudanças verdadeiras; e, sobretudo, efetivar em nós mesmos uma evolução constante.

Feliz é o projeto porque ele representa muito; é já uma causa, envolvente, bonita, plena de luz. É âncora da solidariedade e da cidadania sendo vivenciada na prática, perpassando a simples noção teórica desses conceitos, que muito nos toma precioso tempo e por demais nos enfadonha. Feliz o é porque sai das divagações puramente técnicas e abraça o mundo. Assim o foi concebido para ser motivo de sorrisos. Para tornar a alegria um constante estado de espírito para aqueles que por ela estão envolvidos, a fim de que possamos humanizar a aprendizagem e fomentar os princípios tão bradados como sendo os referenciais ideais da sociedade, mas tão vilmente esquecidos no limbo de nossa burocracia autoritária.

E é por esse sentido de felicidade que me gratifico diante dessas crianças e me ponho a caminho de semear junto delas. Para poder cada vez mais provocar o espírito com um desassossego curioso, na esperança de um dia

possa abrir verdadeiramente os olhos para o mundo, pleno de ensinamentos, e vê-lo sorrir para mim.

[i] O Projeto Feliz faz parte de uma série de ações desenvolvidas por crianças para arrecadar donativos e idealizar outros projetos que fomentem a solidariedade e o envolvimento das pessoas na comunidade onde vivem.

Data : 05/05/2017

Título : Uma jornada fantástica

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida apresenta inúmeros desafios. Quando se é jovem, então, vive-se em uma encruzilhada diária, muitas decisões a tomar, muitos sonhos na cabeça.

A vida apresenta inúmeros desafios. Quando se é jovem, então, vive-se em uma encruzilhada diária, muitas decisões a tomar, muitos sonhos na cabeça.

Um dos maiores desafios que encontrei foi no exercício do papel de professor. Não que seja tarefa muito difícil, mas pela responsabilidade que se tem. Um professor é um mestre que, em contato com seus aprendizes, vai plantar uma semente em cada um deles e, de uma forma ou outra, vai influenciar em suas características. Deixar uma boa marca, portanto, passa a ser uma missão fundamental.

Quando me propus a plantar essa semente pensei que poderia transformar a vida de meus aprendizes em uma grande aventura, como a minha vida é. Afinal, não se vem para esse mundo para não se viver de forma intensa. É necessário fazer mais, aproveitar mais, descobrir-se mais. E o professor que eu estava tentando ser buscava isso: ultrapassar o limite do óbvio e viver bons momentos na profissão, pois um coração alegre é muito melhor que uma mente plena de teorias e regras inúteis.

Eis que no ano de 2016 iniciei uma jornada nova: lecionar língua italiana. Que beleza! E, ao mesmo tempo, que terrível! Ensinar uma língua estrangeira, ou melhor dizendo, facilitar o aprendizado de um idioma diferente, requer paciência, vontade, dedicação e um amor ao universo que a língua e a cultura oferecem. Ou seja, mesmo que seja um jovem professor (como eu era, aliás, como eu sou), é preciso muita coragem.

Pois no mês de março de 2016 pisei pela primeira vez em uma sala de aula apto a ensinar o idioma que tanto amo, do país que está no meu sangue, no meu coração, nos meus sonhos: a Itália. Mais do que o país da pizza e do vinho, a “bota” europeia é o local da cultura, da arte, da religião, da História, da música, da boa vida. Um país que pulsa uma vitalidade sem tamanho, um brilho de encher os olhos. E era essa imensidão que eu tinha de transmitir naquele momento aos bravos jovens que iniciaram essa jornada de descoberta.

O caminho não poderia ter sido mais maravilhoso. Não apenas estudamos a gramática, ouvimos música ou aprendemos o vocabulário: também inventamos histórias, apaixonamo-nos, rimos muito e descobrimos que a Itália e a sua língua têm muito a oferecer. E eu, em particular, percebo que a decisão de aceitar esse desafio foi a mais acertada possível.

Como nossa imaginação é muito fértil e nossa felicidade é gigante, acreditamos que devemos compartilhar essas histórias. Para encantar, para rir, para sermos melhores. Enfim, para buscarmos a essência verdadeira das aventuras que vivemos semanalmente.

Aqui começa, pelas mãos do professor Gabito e de seus aprendizes, um momento de diversão. Que o vento espalhe essa nossa energia positiva. E que sejamos como nos contos de fada, felizes para sempre!

Data : 01/01/2017

Título : Uma semente de união

Categoria: Crônicas

Descrição: Um espaço com tanto para oferecer, com tão maravilhosas pessoas, sempre reserva surpresas, doces encantos.

Um espaço com tanto para oferecer, com pessoas tão maravilhosas, sempre reserva surpresas, doces encantos. Na minha vivência seminarística, com todos esses meninos de coração gigante, provei da mais pura sensação de acolhimento; era um gosto peculiar, singelo, verdadeiro. Um deguste de muita poesia, até hoje despertando boas lembranças.

Se eu fosse resumir tudo isso em algo concreto, o que é impossível, mas é válida a tarefa, diria que esse amor fraterno e delicioso se chamava pão de queijo. Ah, como eu era abraçado pela ternura dos pães de queijo que um jovem seminarista fazia! Macios e delicados, tais como seu criador, acompanhavam-me junto do chá, formando uma dupla perfeita. Por essa aura tipicamente mineira oferecida a mim, borbulhava-me uma fonte inesgotável de histórias, amores e sabores compartilhados com todos. Quando me tocavam a boca, afagavam-me o coração. E junto daquelas almas que aprendi a gostar tecia belas conversas, contava anedotas, apreciava a vida.

Confesso que, por vezes, cometi o pecado da gula. Humanamente impossível saborear um pão de queijo apenas, comia-os aos montes. Mas era uma gula gostosa! E mais, fazer desfeita com o cozinheiro é falta de respeito! Por isso me deliciava o quanto podia. Eu e todos os meninos. Nós, naqueles momentos, nada mais fazíamos do que exercitar o dom mais precioso nos dado pela divindade: o de sermos felizes! E quem propunha esses instantes era alguém tão nobre, um mineirinho tão estudioso e sonhador...

Um belo dia, no final daquele único ano em que eu e Marcelo, o mineiro, convivemos lado a lado, chegou o momento de sua partida. Finalizado o ensino médio, iria agora para sua terra desfrutar de um merecido descanso e, depois, continuar a caminhada que escolheu, mas em outro lugar. Ou seja, cumprira sua missão na cidade, e estava apto para viver novas aventuras.

Senti muito, é bem verdade. Não é fácil largar a mão de quem muito nos alimentou com seus dotes culinários, mas muito mais difícil é dizer “até breve” para o menino que, com bondade e candura, guiou-me pelo Seminário sempre, sendo um dos líderes mais ativos. Ao juntar essas duas características, Marcelo (que depois, nas histórias de tia Zefinha, teve o adjetivo Caramelo adicionado ao nome) se tornou um fiel amigo, um conselheiro e, por que não dizer, uma lenda viva!

Hoje, quando escrevo esses textos e relembro esse passado não muito distante, percebo a importância daqueles dias na minha formação pessoal. E exalto, muito feliz, o poder do pão de queijo. Com essa iguaria unimos pessoas. Sentados na roda boa dos diálogos intermináveis, evoluíamos. Cada fornada era uma enxurrada de carinho e ânimo novo para continuar sonhando.

Não deixarei de defender a ideia de proclamar o pão de queijo como a semente universal do bem e do altruísmo. Onde estiver bradarei aos quatro ventos dizendo que é da cozinha de Minas Gerais que vem o maior pedaço de pureza e felicidade já vista pelo homem. Algo sincera e verdadeiramente bão por demais, uai!

*Fui autorizado por Marcelo Caramelo a reproduzir a tão famosa receita de pão de queijo legitimamente mineiro. Se alguém quiser aproveitar, aí está!

Pão de Queijo

- 1 kg de polvilho azedo
- 3 ovos
- 1 colher de sopa de sal
- 1 copo de óleo
- 2 copos de leite
- 1/2 copo de água
- 300 gramas de queijo

Modo de preparo

- Sovar o polvilho com a água
 - Ferver o leite e o óleo e jogar sobre o polvilho
 - Depois colocar os ovos e o queijo e continuar sovando
- *Obs: a massa deve ficar num ponto médio: nem muito mole, nem muito dura

Data : 07/01/2017

Título : Vamos brincar de que?

Categoria: Teatro

Descrição: Pipoca e Peteca descobrem no baú da Tia Zefinha um mundo mágico. Que será que há ali dentro?

PERSONAGENS

PIPOCA, palhaço estabonado, birrento e maluco, irmão de...

PETECA, palhaça esperta, determinada e igualmente maluca.

ATO ÚNICO

Ambiente de jardim. Paineis coloridos ao fundo, com desenhos de flores, pássaros, o sol, nuvens, e tudo o que a imaginação permitir.

CENA ÚNICA

(Peteca carrega Pipoca pelo braço)

PETECA - Venha menino! O pessoal tá esperando a gente

PIPOCA - Santa rapadura! Não vou, tenho vergonha.

PETECA - Ora essa, onde já se viu ter vergonha? Pronto, já chegamos, agora se apresente.

(Pipoca se coloca de costas ao público)

PETECA - Menino, se vira!

(Pipoca se vira e tapa o rosto)

PETECA - Agora tira a mão do rosto

(Tira a mão do rosto e coloca a outra)

PETECA - Pipoca, tira essa outra mão daí!

(tira a mão, fecha os olhos)

PETECA - Se você não abrir os olhos eu vou contar até três e vou sumir daqui!
É um, é dois...

PIPOCA - Tá bom, abri os olhos. Era isso que você queria?

PETECA - Ah, assim tá melhor. Agora se apresente para o público

PIPOCA - Esse é o público?

PETECA - Sim, é esse

PIPOCA - (Pipoca gargalha alto) Eu achei que o público fosse um monte de vassouras com perucas e voz de monstro!

PETECA - Hein? De onde você tirou isso?

PIPOCA - Eu inventei. Da minha cachola sai muita coisa.

PETECA - Tá, eu sei. Já se apresentou?

PIPOCA - É pra fazer isso?

PETECA - Sim!

PIPOCA - Então, pra me apresentar, vou cantar aquela música: "eu amei te ver..." (canta com voz desafinada)

PETECA - Para, para com isso! Vai enlouquecer todo mundo! É pra você dizer o seu nome!

PIPOCA - Ah! Deixa eu ver minha carteira de identidade aqui

PETECA - Que carteira de identidade! (corre atrás dele fingindo que vai bate-lo)

PIPOCA - Credo! Tia Zefinha não ia gostar disso.

PETECA - Se você não se apresenta eu faço isso então. Respeitável público! Com vocês o grande, magnífico, estrondoso palhaço Pipoca, cara de boboca! Aplausos para ele

PIPOCA - Acompanhado da mágica, fenomenal, esquisita palhaça Peteca, cara de meleca! Aplausos para ela também!

PETECA - Pois hoje viemos aqui trazer para vocês uma grande aventura...

PIPOCA - Um mundo de fantasias, cores e diversões...

PETECA - Brincadeiras esquecidas....

PIPOCA - Cachorros quentes para comer....

PETECA - Hey, isso não é pra hoje não!

PIPOCA - Mas meu estomago tá roncando!

PETECA - Só que agora a gente vai abrir o baú da Tia Zefinha, lembra?

PIPOCA - Ah é, lembro sim. O baú encantado onde todas as brincadeiras esquecidas dormem tranquilas, prontas para ganharem vida na imaginação das crianças.

PETECA - Isso mesmo! Então, traga o baú para cá

(Pipoca carrega o baú até o meio do palco)

PIPOCA - Muito bem! Pois agora, público, pública e publiquetes, vamos abrir o encantado baú da Tia Zefinha! Preparem-se para descobrir novamente as brincadeiras maravilhosas, deliciosas, espetaculares, maravilhosas, delici...

PETECA - Chega! Abre logo antes que o pessoal se canse

PIPOCA - Certo! Em primeiro lugar nós temos uma misteriosa maleta (música de suspense) Aqui dentro está guardado um segredo precioso, aqui dentro nós temos umas espetaculares... Jabuticabas? Uau, que delícia!

PETECA - Nãaaaaaaooooo! Isso aí não são jabuticabas, são bolinhas de gude. Lembra que a tia ensinou pra gente como se joga?

PIPOCA - Ah, é de jogar né? Pois então vou jogar naquele menino lá

PETECA - Não, não é assim! Pega a bolinha e bota ali no chão. Agora o outro joga e tenta acertar a bolinha. Viu como é fácil?

PIPOCA - É, mas você errou!

PETECA - Sim, mas é pra tentar acertar né?! Quer tentar uma vez?

PIPOCA - Quero

PETECA - Não se esquece do que eu disse: tem que acertar uma bolinha de gude na outra

PIPOCA - Sim, vou me lembrar (carrega a bolinha e começa a bater uma com a outra). Viu só? Não sou burro como você!

PETECA - Ai Pipoca, você sabe que não é assim! Todo mundo aqui sabe como jogar bolinha de gude, não é mesmo? Olha aí....

PIPOCA - Ah, mas não tem só esse brinquedo ali dentro. Tem mais aqui, como por exemplo... Essas almofadas pequenas! Olha só que bonitas, devem ser os travesseiros dos sete anões da Branca Neve...

PETECA - Pipoca, não seja burro! Essas são as cinco Marias

PIPOCA - É brinquedo?

PETECA - Sim

PIPOCA - E como se brinca com ele?

PETECA - Assim ó (toma as cinco Marias para si, coloca-as no chão). Você vai pegar uma, joga pra cima, enquanto recolhe uma do chão. E vai fazendo assim, até terminar. Depois vai indo de duas em duas, três em três. Entendeu?

PIPOCA - Sim, entendi. Agora sai daí Peteca que eu vou brincar.

PETECA - Vê se não vai fazer bobagem

PIPOCA - Tá, é assim né? (joga duas vezes corretamente)

PETECA - Isso, assim mesmo.

PIPOCA - Ai, agora fiquei animado. Vou pedir pro pessoal do público então contar até três, porque quando eu jogar essa Maria aqui, vocês vão ver o maior jogador de cinco Marias da História. É um, é dois, é três e...

(Pipoca joga muito alto a Maria, e fica procurando no horizonte)

PIPOCA - Onde foi? Cadê?

PETECA - Pipoca, tá aqui!

PIPOCA - Ora Peteca, porque você me roubou o brinquedo?

PETECA - Eu te roubei? Você que joga errado e eu tenho a culpa?

PIPOCA - Sem graça você! Todo mundo viu que você pegou a Maria e escondeu de mim!

PETECA - Tá, não vamos brigar por causa disso. Já viu o que mais tem aqui?

PIPOCA - Não, o que?

PETECA – Dois bonecos! (puxa dois fantoches de dentro do baú e entrega um para Pipoca)

PIPOCA – Olha que legal! Dá uma dupla sertaneja: Xará e Xarope.

PETECA – Ótima ideia. Eu sou o Xará

PIPOCA – E eu sou o... Hey, eu não sou Xarope não!

PETECA – Ai Pipoca, é só um nome. Vai, vamos conversar com o público. (Imita uma voz ao boneco) E aí pessoal, tudo bem? Como vai Xarope?

PIPOCA – (Pipoca faz o mesmo) Fala pessoal, bacana? Eu vou com as pernas, e você Xará?

PETECA – Pipoca! Isso é jeito de responder? Vou fazer de novo a pergunta. Como vai Xarope?

PIPOCA – Vou de ônibus que é mais barato.

PETECA – Assim não dá Pipoca! Você não pode brincar direito um pouquinho só?

PIPOCA – Não fique bravo Xará. O público quer mais aventuras da tia Zefinha.

PETECA – Ótimo Xarope. A tia Zefinha é encantadora, viver com ela já é uma aventura maravilhosa. Sair por aí de mobilete, brincar, cantar. Aliás, tem uma cantiga muito boa que a gente podia cantar, o que você acha?

PIPOCA – Eu aceito.

PETECA – Então tá. Eu começo e você continua. Vamos lá: roda cotia, de noite e de dia, o galo cantava e a casa...

PIPOCA – Fugia!

PETECA – Chega disso Pipoca. Me dá esse boneco aqui. Você nunca sabe brincar direito. Onde já se viu uma casa fugir?

PIPOCA – Ora, para mim uma casa pode fugir sim, sua boba!

PETECA – Tudo bem, esquece isso. Olha isso aqui: um ioiô!

PIPOCA - Oiô o que? Que você ficou oiando?

PETECA - Esse é um brinquedo Pipoca. Olha que genial: ele estica e volta, estica e volta. Quer tentar?

PIPOCA - Quero sim. Dá isso aqui pra mim. Estica e volta, isso?

PETECA - Correto

PIPOCA - Então estica e... (ao fazer voltar o ioiô se atrapalha e quase acerta o brinquedo na cabeça)

PETECA - Pipoca, cuidado!

PIPOCA - Esse brinquedo é um assassino!

PETECA - Não, Pipoca, você que é desastrado!

PIPOCA - Ora essa! Não fique só nesses brinquedos não. Puxa mais, vou te provar que eu sou fera na arte da brincadeira faceira ligeira bananeira....

PETECA - Chega! A única coisa que você sabe fazer, pelo jeito, é rima. Preste atenção no que tem aqui. Tcharam! (puxa do baú uma corda)

PIPOCA - Vai dizer que você trouxe sua ovelha pra cá e quer amarrar aqui, na frente de todo mundo?

PETECA - Não, seu burro! Não se lembra dessa brincadeira? É o cabo de guerra!

PIPOCA - Ah sim, claro, o cabo de guerra! Um fica dum lado puxando o outro, que fica do outro lado, e aí a gente puxa, e puxa e quando vê um ganhou porque o outro caiu e se espatifou!

PETECA - Isso mesmo. Vamos brincar?

PIPOCA - Vamos. Mas com uma condição!

PETECA - Diga lá

PIPOCA - Não vale você ficar chorando se perder. Combinado?

PETECA - HaHaHa. E você acha que eu vou perder? Mas tá combinado. O mesmo vale pra você.

PIPOCA - Então tá. Me dá aqui a minha ponta. Vamos contar até três e começar a disputa. Que vença o melhor. É um, é dois, é três e...já!

(disputam ferrenhamente. Peteca acaba puxando com mais força e Pipoca vai ao encontro dele, estatelando-se no chão)

PIPOCA - Ah, isso não vale!

PETECA - Eu falei que ia ganhar bobo! (mostra a língua à Pipoca)

PIPOCA - Boba é você! (senta-se no chão, fazendo beijo. Puxa um telefone antigo do bolso.) Tá tocando meu celular. Fique quieta! Alô? Alô?

PETECA - Pipoca, tá virado o telefone!

PIPOCA - Ah, obrigado. Alô? Alô?

PETECA - Pipoca, ainda está virado o telefone!

PIPOCA - Ah sim. Alô?

PETECA - Pipocaaaaaa, é assim que se atende! (mostra a ele a posição correta)

PIPOCA - Tá bom, mas não grita. Não gosto de escândalo! (grita). Alô? Ah, desligou! Que falta de educação com a gente!

PETECA - Mas também né!

PIPOCA - Estou triste. Nada do que faço dá certo.

PETECA - Olha, mas ainda tem uma surpresa boa aqui no baú

PIPOCA - Não quero ver mais nada!

PETECA - Nem o brinquedo mais espetacular do mundo? Aquele que gira e faz piruetas? Nem esse? Tem certeza?

PIPOCA - Tá bom, eu quero. Você sabe que eu adoro o pião. Até conheço um música que diz assim...

(Começa a tocar a cantiga Roda Pião. Pipoca e Peteca cantam e dançam animados)

PIPOCA - Você sabe que eu sempre fui o rei do pião, não é mesmo?

PETECA - É mesmo? Já tinha até me esquecido

PIPOCA - Mas eu me lembro muito bem, Dona Peteca. A Tia Zefinha me ensinou quando eu era bem pequenino. E agora, vou mostrar a você quem é o melhor no pião.

PETECA - Quero ver então. Vamos fazer uma aposta?

PIPOCA - Que tipo de aposta?

PETECA - Vamos fazer rodar o pião. Aquele que conseguir fazer o pião rodar por mais tempo é o vencedor.

PIPOCA - Aceito! Mas, e o que o vencedor vai ganhar?

PETECA - Ah, pode ser aquele pirulito que comprei para mim ontem?

PIPOCA - Negócio fechado. Pega aqui teu pião então.

PETECA - Ó, mas não vale trapacear. Vamos lá... Um, dois, três e

(Peteca falha com o pião e o pião de Pipoca vence)

PIPOCA - Viva! Eu ganhei, lero-lero, você é uma boba!

PETECA - Ah, eu deixei você ganhar, tá? Mas como a gente tinha combinado, vou te dar o pirulito.

PIPOCA - Na verdade, não precisa. Já estou com ele aqui. (abre o pacote e começa a comer o doce)

PETECA - Hey, você pegou o pirulito que estava na minha cama?

PIPOCA - Peguei. Agora ele é meu mesmo!

PETECA - Ah não, agora eu quero ele de volta.

(Peteca persegue Pipoca. Os dois se trombam, caem, levantam-se, voltam a correr. Pipoca saca um apito do bolso e apita forte)

PIPOCA - Chega! Está bem, eu vou te dar o pirulito. Eu não deveria ter pegado. Toma!

PETECA - Ora Pipoca, também não é assim. Vamos comer juntos. Uma pontinha para cada um.

PIPOCA - Sabe Peteca o que eu mais gostei hoje?

PETECA - Hum

PIPOCA - Foi de mostrar essas brincadeiras boas para o público junto contigo

PETECA - É mesmo?

PIPOCA - Sim, as crianças já nem se lembram mais como é gostoso sujar as mãos de tinta, botar o pé na grama, jogar bolinhas de gude, fazer rodar o pião, tomar banho de chuva. Tá tudo tão chato hoje!

PETECA - É verdade. Nem todo mundo tem a Tia Zefinha pra contar boas histórias na roda de conversa, pra ensinar coisa bacana, pra fazer a gente rir.

PIPOCA - É. Sabe o que a gente podia fazer?

PETECA - Tomar banho de chuva?

PIPOCA - Não! Nós podíamos carregar esse baú para muitos outros lugares e brincar, brincar, brincar até cansar. O que você acha?

PETECA - Ótima ideia Pipoca!

PIPOCA - É, mas tem um problema. E quando eles quiserem saber: vamos brincar de que? O que a gente responde?

PETECA - Muito fácil: vamos brincar de ser feliz!!

(música final. Pipoca e Peteca fecham o baú, soltam papel picado, despedem-se do público e saem pulando, cantando e festejando. FIM)

Data : 28/09/2014

Título : Zona de Conflito: a Escola

Categoria: Artigos

Descrição: Constantemente se observa, e na atualidade não é diferente, diversas disputas ao redor do mundo.

Constantemente se observa, e na atualidade não é diferente, diversas disputas ao redor do mundo. As motivações são várias; elencá-las não seria tarefa fácil. Existe, contudo, outro tipo de disputa ocorrendo aqui, bem perto da realidade de cada de um nós, em um espaço concebido para ser harmônico e desenvolvimentista: a escola.

Os fatos demonstram que a escola se tornou uma verdadeira zona de conflito. A imposição curricular obrigatória, o sistema já arcaico da divisão por turmas e salas de aula, as cobranças várias da sociedade e do Estado sobre esses espaços está provocando um colapso nervoso naqueles que compõem a sua estrutura. Comumente se vê distorções absurdas no espaço escolar. De alunos raivosos e desmotivados a professores estressados e descrentes, passando por uma inoperante máquina pública e uma sociedade culturalmente atrasada, estamos chegando ao limite do esgotamento. Já passou do tempo de simples mudanças; é necessário um impacto profundo nas estruturas da educação.

Nitidamente se percebe que um sistema concebido nessas características somente poderia ter um resultado de fracasso. Uma relação hierárquica entre professor e aluno é totalmente desrespeitosa à condição livre e plural que é o conhecimento. É uma posição sensivelmente distorcida daquilo que deve ser o aprender, sendo que o mesmo não está ligado a salas de aulas, a planos de aulas, nem mesmo aos cuidados de um docente: estão na curiosidade humana sobre qualquer tema, e a necessidade existente em romper as barreiras limitadoras desse universo curioso e estimulá-lo cada vez mais. É inadmissível condenar os jovens a um regime escolar que mantém a disciplina do sistema militar, os objetivos da indústria e a infraestrutura de uma prisão. É o espaço propício para o florescimento do ódio e da descrença.

A transformação na educação se inicia, impreterivelmente, em uma readequação cultural. Começo a pensar que Ivan Illich, pensador austríaco, estava certo: é preciso fazer com que a sociedade sofra um processo de “dessescolarização”. Somente enxergando além da escola se poderá criar um projeto de desenvolvimento. Conhecimento a gente adquire na prática cotidiana. É a conversa entre amigos, é o toque, é o sentir. É o buscar sempre o novo, é a motivação constante, é o despertar de uma consciência crítica. É não ter que se prender a provas, trabalhos, aulas, prisão! É saber que dentro de si há uma força inacreditável, pronta para ser ativada.

Esses são os elementos que precisam ser estimulados. Essa é a reforma que deve ser promovida. Precisamos de gente que saiba lidar com gente. Que possa valorizar o que cada ser humano tem de bom. E que possa, a partir de uma rede conectada, firmar as bases fundamentais para que um dia possamos ser uma sociedade livre, de pessoas felizes, pois é isso que realmente nos importa.